



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS XIV*
COLEGIADO CURSO DE LETRAS-LICENCIATURA,
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

CÁTIA DE JESUS LIMA

A (DES)CONSTRUÇÃO DA MULHER NEGRA: os desafios de ser mulher nas obras
***Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Ngozi Adichie, e *Ventos do Apocalipse*, de Paulina**
Chiziane

Conceição do Coité
2019

CÁTIA DE JESUS LIMA

A (DES)CONSTRUÇÃO DA MULHER NEGRA: os desafios de ser mulher nas obras *Meio Sol Amarelo* de Chimamanda Ngozi Adichie, e *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia-UNEB, como requisito final para à obtenção do grau de licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Me. Eugênia Mateus de Souza.

Conceição do Coité
2019

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Lima, Cátia de Jesus

A (des)construção da mulher Negra: os desafios de ser mulher nas obras Meio sol Amarelo, de Chimamanda Ngozi Adichie, Ventos do apocalipse, de Paulina Chiziane. / Cátia de Jesus Lima. – Conceição do Coité, 2019.

80 fls.: 30cm.

Orientadora: Prof^a. Me. Eugênia Mateus de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação – Campus XIV.

1. Colonização. 2. Mulher Negra. 3. Guerra. 4. África. 5. Identidade. I. Souza, Eugênia Mateus. II. Universidade do Estado da Bahia - Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 305.4

CÁTIA DE JESUS LIMA

**A (DES)CONSTRUÇÃO DA MULHER NEGRA: os desafios de ser mulher nas obras
Meio Sol Amarelo, de Chimamanda Ngozi Adichie, e *Ventos do Apocalipse*, de Paulina
Chiziane**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Eugênia Mateus de Souza - Orientadora
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Prof. Dr. Adriano Eysen Rego
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Profa. Dra. Lílian Almeida de Oliveira Lima
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus por ter segurado em minhas mãos durante toda essa jornada, fortalecido-me e enxugado de meus olhos as lágrimas que insistiam em cair nos momentos de exaustão.

Aos meus filhos, Rachel e Guilherme, por suportarem minhas ausências e por sempre me receberem em casa com sorrisos e abraços quentinhos, amo vocês!

Agradeço ao meu companheiro, Adriano Ferreira, que nas minhas ausências, não mediu esforços para duplicar sua jornada no cuidado do lar e dos nossos filhos. Sem você minha trajetória seria muito mais árdua.

À minha família que sempre me incentivou a estudar, especialmente, a minha mãe pelo suor derramado para que eu pudesse concluir os estudos e chegar onde estou. A senhora é um exemplo de persistência! Eu a amo muito!

Agradeço também a minha orientadora, Ms. Eugênia Mateus, por toda dedicação e competência durante o processo de orientação, como também pelas aulas inspiradoras que me fizeram ainda mais amar a literatura. Muito obrigada!

À professora Dra. Lílían Almeida por apresentar e feito eu me apaixonar pela Literatura de Autoria Feminina, pelas palavras de incentivo nos corredores da Universidade, por ser a pessoa que é. Muito obrigada!

Ao professor Dr. Adriano Eysen pelas pontuais contribuições durante o processo de produção e conclusão desse trabalho.

À professora Dra. Marinélia Silva pelos diálogos sobre História da África e pelas sugestões de leitura.

A todos os colegas de curso pelas palavras de incentivo e pelo compartilhamento de tensão e ternura durante essa jornada.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO:

O objetivo central deste trabalho é (des)construir a mulher negra enquanto desafio de ser mulher, conceituando-a sob a ótica histórico-cultural e social, como também do estudo comparativo literário. A partir do tema: A (des)construção da mulher negra: os desafios de ser mulher nas obras *Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Ngozi Adichie e *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane, discute-se a trajetória de mulheres africanas dentro de dois contextos históricos ocorridos em solo africano: as guerras na Nigéria (1969-1970) e em Moçambique (1977-1992), respectivamente. Foi necessário, para tão grande desafio, compreender tanto a atuação das mulheres durante a colonização como também suas lutas em prol da liberdade de seus países. Dentro da análise do que foi o processo colonial para as mulheres, destacaram-se a violência sofrida e o silenciamento de suas vozes. Nas cenas bélicas apresentadas pelas escritoras nas suas narrativas, a contextualização histórica das referidas guerras ganha contornos diferentes, posicionando a mulher na centralização dos acontecimentos; prefigurando-as como heroínas do seu povo e desmistificando a história única, a história europeizada que camufla a verdadeira identidade da mulher negra africana. Com isso, a relevância do presente trabalho parte do pressuposto de que as narrativas das escritoras africanas precisam ser inseridas ou firmadas nos programas de pós-graduação e demais áreas de pesquisas nas universidades, começando por sua inserção nas aulas sobre as Literaturas Africanas, pelo fato de essas narrativas contemplarem a atuação das mulheres nos cenários mais dramáticos da história da África. A partir de uma pesquisa metodológica voltada para a análise bibliográfica, pode-se destacar os posicionamentos dos seguintes teóricos: José Luís Cabaço (2007), Kwame Appiah (1997), Izabel Casimiro (2004), Frantz Fanon (2005), Gayatri Spivak (2010), Virginia Woolf (1928; 1984; 2015;), Inocência Mata (2007), Lúcia Helena Vianna (2003), Jacimara Santana (2009), Laura Cavalcante Padilha (2013), Thomas Bonnici (2007), Frederick Forsyth (1969) entre outros.

Palavras-Chave: Colonização. Mulher negra. Guerra. África. Identidade.

ABSTRACT

The main goal of this work is to deconstruct the black woman while facing the challenge of being a woman, conceptualizing her as well as this comparative literary study under a historic-cultural and social vision. Starting from the theme The deconstruction of black woman: the challenges of being a woman in the works *Meio Sol Amarelo*, of Chimamanda Ngozi Adichie and *Ventos do Apocalipse*, of Paulina Chiziane, this research discuss African women's pathway within two historical contexts that have occurred on African soil: the wars in Nigeria (1969-1970) and in Mozambique (1977-1992), respectively. For this great challenge it was necessary to comprehend the woman's role during colonization as well as their fights for freedom in their countries. This analysis of how the colonial process for women was like highlighted the violence against women and the silencing of their voices. In the war scenes presented by the writers in their narratives, the historical contextualization of these wars gains a new perspective, placing women in the center of these events, posing them as the heroines of their people and demystifying that unique history, the Europeanized version that disguises the true identity of black African woman. Finally, this study's relevance starts from the assumption that the African writer's narratives need to be included in postgraduate programs and other areas of research at universities, starting with its insertion in African Literature's classes since this narrative embraces the woman's role in the most dramatic scenario in the history of Africa. From a methodological research dedicated to bibliographic analysis we can emphasize the positioning of the following theorists: José Luís Cabaço (2007), Kwame Appiah (1997), Izabel Casimiro (2004), Frantz Fanon (2005), Gayatri Spivak (2010), Virginia Woolf (1928; 1984; 2015), Inocência Mata (2007), Lúcia Helena Vianna (2003), Jacimara Santana (2009), Laura Cavalcante Padilha (2013), Thomas Bonnici (2007), Frederick Forsyth (1969) among others.

Keywords: Colonization. Black Woman. War. Africa. Identity.

As histórias também são definidas pelo princípio *Nkali*:
Como elas são contadas? Quem conta? Quando são
contadas? Quantas histórias são contadas? Tudo isso é
realmente dependente de relações de poder.

Chimamanda Adichie (*online*)

Ser mulher e ser artista torna-se um verdadeiro escândalo.
Escândalo que tive que arriscar e suportar.

Paulina Chiziane (2013a)

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	DA NIGÉRIA A MOÇAMBIQUE: OS MAPAS DA COLONIZAÇÃO E OS DESÍGNIOS DE SER MULHER.....	14
2.1	COLONIZAÇÃO E ÁFRICA: O APAGAMENTO DO SOL.....	17
2.2	(DES) COLONIZAÇÃO: UMA VISÃO APOCALÍPTICA	21
2.3	À REVELIA DA HISTÓRIA: OUTRAS VOZES, MESMAS VOZES	26
3.	DESAFIANDO A ESCRITA: O PERCURSO DISCURSIVO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E PAULINA CHIZIANE	32
3.1	MULHER E MULHER NEGRA: DESCAMINHOS	35
3.2	A ESCRITA DE GÊNERO E SEUS IMPASSES: PERCORRENDO HISTÓRIAS E TERRITÓRIOS	37
3.2.1	Chimamanda Ngozi Adichie: o perigo da história única	41
3.2.2	Paulina Chiziane: Eu, mulher... por uma nova visão de mundo	43
4.	DESENHOS DE UMA ÁFRICA FEMININA: O QUE DIZEM ESSAS VOZES ..	46
4.1	ESPELHOS DE ÁFRICA EM <i>VENTOS DO APOCALIPSE</i>	51
4.2	A OUTRA METADE DO SOL	55
4.3	OLANNA E MINOSSE ENTRE SÓIS E VENTOS: APOCALIPSE	64
5.	CONCLUSÃO	74
	REFERÊNCIAS	76

1 INTRODUÇÃO

Se a literatura é sintoma do tempo em que está inserida, pode também ser fio no labirinto de viver.

(Lilian Lima, 2017)

Pesquisar a escritora/mulher negra é algo que vai além da temática de gênero, vai mexer em questões subjetivas concernentes ao passado histórico vivenciado por aquelas que foram vitimadas ou que presenciaram seu povo escravizado pela colonização e pelo imperialismo europeu. Com isso, esta pesquisa parte do pressuposto de que escritoras negras precisam se desapegar dos conceitos europeizados para fazer de sua escrita porta-voz de mulheres que, no seu íntimo, sentem-se escravizadas pelos preconceitos misóginos ainda presentes em um contexto pós-colonial. Para isso, essas escritoras se debruçam sobre o testemunho de mulheres africanas para potencializar este discurso e reafirmar identidades forjadas diante da opressão patriarcalista. No que concerne as escritoras negras as experiências narradas por elas não se restringem apenas às relações de gênero, envolvem temas demasiadamente complexos e relacionados tanto à etnia quanto a fatores políticos e socioculturais.

Essa pesquisa parte da conjectura de que a mulher africana se encontra ainda em um estado de invisibilidade ocasionado pela imposição da cultura europeia durante a colonização. Porém, torna-se imprescindível que vozes femininas antes silenciadas se posicionem diante dos conceitos europeizados e de caráter patriarcal a fim de legitimarem suas identidades destruindo os padrões antes estabelecidos.

Com isso, a relevância deste trabalho consiste na legitimação da escrita de escritoras negras africanas nos cenários acadêmicos de forma geral, seja na sua inserção em maior grau nos programas de pós-graduação, como nos debates sobre a produção literária de autoria feminina, tanto no Brasil como fora dele.

A partir da temática *A (des)construção da mulher negra: os desafios de ser mulher nas obras Meio Sol Amarelo¹, de Chimamanda Ngozi Adichie e Ventos do Apocalipse², de Paulina Chiziane*, propõe-se uma leitura comparativa, cuja finalidade é buscar os desenvolvimentos e

¹*Meio Sol Amarelo*, primeiro elemento do *corpus* desta pesquisa, será referenciado nas citações diretas e indiretas com a sigla MSA, seguida com o ano da publicação e página.

²*Ventos do Apocalipse*, segundo elemento do *corpus* desta pesquisa, será referenciado nas citações diretas e indiretas com a sigla VA, seguida com o ano de publicação e página.

as influências mútuas entre as diferentes literaturas (CROCE, 1994). Partindo dessa concepção, identificar-se-á os percursos discursivos das escritoras africanas no intuito de verificar o desenvolvimento da trajetória das personagens femininas nos dois romances, e os desafios enfrentados por elas nos ambientes assolados pela guerra, os quais definiram/formaram uma identidade que ainda possui resquícios de um passado preso às amarras da colonização.

Buscando investigar as experiências e personalidades das personagens dos dois romances, essa pesquisa partiu dos seguintes questionamentos: Como essas escritoras negras de nacionalidades distintas narram a trajetória de mulheres negras com identidades próprias, vivendo sob uma gama de jugos e submissão? Quais as características apresentadas nas narrativas que identificam as protagonistas como agentes transformadoras tanto de dentro como de fora de si mesmas? Como as protagonistas transcorrem dentro do contexto histórico-cultural da narrativa?

Dessa forma, ao traçar caminhos indefinidos e complexos das personagens, abrem-se nuances de possibilidades para que a mulher negra africana tome seu lugar de direito na sociedade, acabando com a opressão e abolindo com as diversas formas de violência contra si mesma. Assim, esta pesquisa tem como objetivo central (des)construir a mulher negra enquanto desafio de ser mulher, a partir dos espaços transitados pelas protagonistas e das complexas situações vivenciadas nas narrativas. Para isso, será necessário conceituar a mulher negra sob a ótica histórico-cultural e literária situando-a no espaço e no tempo da narrativa.

Essa monografia é dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Da Nigéria a Moçambique: os mapas da colonização e os desígnios de ser mulher*, apresenta-se um breve panorama historiográfico do continente africano concernente aos primeiros impactos da colonização e do imperialismo europeu e, sobretudo, a violência e o enclausuramento social a que as mulheres foram submetidas. Este capítulo é composto por três subseções: *Colonização e África: apagamento do sol*, quando se aborda a colonização e o imperialismo britânico na Nigéria, ressaltando o protagonismo feminino e desmistificando sua ausência desse contexto; *(Des)colonização: uma visão apocalíptica*, contextualiza a colonização de Moçambique pelos portugueses, enfatizando a atuação feminina na luta pela libertação desse país, ao mesmo tempo que procura esclarecer a concepção de ‘descolonização do ser’; *Á revelia da história: outras vozes, mesmas vozes*, apresenta-se a interface entre o contexto da colonização dos dois países e a intenção das escritoras em centralizar a atuação das mulheres africanas nesse episódio histórico.

No segundo capítulo, *Desafiando a escrita: os percursos discursivos de Chimamanda Ngozi Adichie e Paulina Chiziane*, revelam-se os lugares por onde transita a escrita dessas

escritoras africanas contemporâneas e a relevância de seus discursos para a libertação feminina do jugo patriarcalista e a legitimação do seu lugar na sociedade africana. Este capítulo é composto por quatro subseções: *Mulher e mulher negra: descaminhos*, aqui desvelam-se as imagens estereotipadas associadas à mulher africana construídas a partir da visão do colonizador e que até os dias atuais ainda persistem no seio da sociedade; *A escrita de gênero e seus impasses: percorrendo histórias e territórios*, escreve-se brevemente a tardia produção literária de autoria feminina em África e a luta por sua inserção em um contexto dominado pelo cânone literário masculino; *Chimamanda Ngozi Adichie: o perigo da história única*, subseção que desenha o perfil da escritora nigeriana e o seu discurso sobre a rejeição da história contada a partir da versão europeia em prol das outras histórias contadas a partir das vivências das mulheres africanas; *Paulina Chiziane: Eu mulher... por uma nova visão de mundo*, descreve-se a missão dessa escritora ao narrar as vivências e as intempéries das mulheres moçambicanas dentro de uma sociedade predominantemente patriarcal.

No terceiro e último capítulo, *Desenhos de uma África feminina: o que dizem essas vozes*, desenvolve-se uma interface entre a Historiografia Africana sobre as guerras que ocorreram, especificamente, nos países da Nigéria e Moçambique, com a atuação das mulheres, nesses contextos, intercalando-a com o protagonismo feminino presente nos dois romances. Este capítulo divide-se em três subseções: *Espelho de África em Ventos do Apocalipse*, contextualiza a guerra que assola Moçambique e o deslocamento dos aldeões de Mananga que ao fugir dessa beligerância enfrentam inúmeras situações de violência, fome e morte; *A outra metade do sol*, nessa subseção contextualiza-se a Guerra Civil ocorrida na Nigéria, apresentando a fome como uma das consequências mais trágicas desse conflito e o heroísmo das protagonistas da obra *Meio Sol Amarelo*, nesse contexto catastrófico; a última subseção, *Olanna e Minosse: entre sóis e ventos apocalipse*, apresenta as singularidades de cada uma das protagonistas dos dois romances, mostrando seus ambientes de atuação e suas experiências nos contextos bélicos nos quais transitam.

Para evitar o uso repetitivo do [sic.] foi preferível a permanência da linguagem original do romance *Ventos do Apocalipse* (2010), de Paulina Chiziane, sem a utilização desta expressão. Nesse sentido, os vocábulos que apresentarem alguma incompatibilidade com a norma padrão da Língua Portuguesa e não estiverem assinalados com a expressão referida, seguem, neste trabalho, essa concessão.

Este trabalho foi fruto de uma inesgotável pesquisa bibliográfica que abrangeu tantos aspectos histórico-culturais e sociais quanto discursivos presentes nos romances analisados. Foram imprescindíveis, portanto, pesquisas e posicionamentos de teóricos como José Luís

Cabaço (2007), Kwame Appiah (1997), Izabel Casimiro (2004), Frantz Fanon (2005), Gayatri Spivak (2010), Virgínia Woolf (1928; 1984; 2015), Inocência Mata (2007), Lúcia Helena Vianna (2003), Jacimara Santana (2009), Laura Cavalcante Padilha (2013), Thomas Bonnici (2007), Frederick Forsyth (1969) entre outros. As posições teóricas destes estudiosos foram indispensáveis para entender as especificidades das trajetórias da mulher africana diante dos contextos históricos que ela transita como também os aspectos da historiografia que discorre sobre os fatos que desencadearam os conflitos bélicos.

Por fim, analisar os percursos das mulheres africanas dentro de contextos tão complexos como o contexto de duas grandes guerras é um mergulho em terreno minado, cujo desafio é encontrar nos sofrimentos vivenciados por elas o brado que necessitam para fortalecer suas vidas diante de um passado trágico, mas que precisa ser lembrado como forma de resistência ao passado opressivo e obscuro.

2 DA NIGÉRIA A MOÇAMBIQUE: OS MAPAS DA COLONIZAÇÃO E OS DESÍGNIOS DE SER MULHER

[...] essa violência atmosférica, [...] essa violência à flor da pele.
(Frantz Fanon, 2005)

A colonização em África transformou drasticamente os percursos históricos, sociais e culturais dos povos colonizados. Iniciada com as Grandes Navegações entre os séculos XV e XVI, a colonização foi um empreendimento no qual nações como França, Espanha, Portugal, Holanda e Inglaterra se empenharam no além-mar em busca de especiarias e metais preciosos para abastecer o comércio na Europa. José Luís Oliveira Cabaço (2007) descreveu o impacto entre os colonizadores e os africanos ainda nos primeiros contatos quando estes não imaginavam o que aqueles traziam juntamente com suas embarcações. Eram, segundo Cabaço (2007, p. 28):

Embarcações de tipo novo, com outras gentes de pele clara, foram chegando sucessivamente à costa oriental de África para combater as que tradicionalmente cruzavam, ao sabor das monções, as águas índicas e para se guerrear entre si pela supremacia dos mares (CABAÇO, 2007, p. 28).

A segunda fase da exploração europeia em África bem mais sistematizada e regulamentada a partir da Conferência em Berlim, em 1884³, inaugurou nesse continente um processo novo, atualmente denominado imperialismo, o qual configura a exploração e apropriação de matérias-primas e a implantação de novos mercados para comercialização dos produtos provenientes da industrialização europeia⁴. Esse processo de apropriação de matérias-primas para o desenvolvimento da indústria europeia, como também o controle da riqueza produzida, tornou os africanos subordinados à economia-mundo (CABAÇO, 2007), além de os terem transformado em indivíduos submissos às diversas formas de exploração e vulneráveis aos atos violentos por parte dos colonizadores. A partir dessa situação, pode-se considerar o posicionamento de Hannah Arendt (2006, p. 167 *apud* CABAÇO, 2007, p. 37-38) em relação à diferença entre o colonialismo e o imperialismo. Para a filósofa, o colonialismo corresponde

³[...] a Conferência de Berlim (15 de novembro de 1884 a 26 de fevereiro de 1885) que, como é sabido, oficializou os direitos à ocupação efetiva dos territórios africanos, então sob influência articulada e competitiva das metrópoles europeias [sic.] industriais prevenindo situações de atrito entre europeus, definindo regras para a Partilha de África e concordando as áreas para a exploração colonial. Os vestígios dos velhos impérios históricos, nomeadamente ibéricos, foram cancelados do mapa e repartidos entre os novos parceiros (CABAÇO, 2007, p. 33).

⁴A passagem da fase mercantil/escravista à “ocupação efetiva” das colônias marca, de fato, a necessidade do capital industrial e financeiro europeu de se apropriar diretamente das matérias-primas, do controle da produção e dos meios de produção nos territórios ultramarinos (CABAÇO, 2007, p. 37).

à ocupação territorial, em contrapartida ao imperialismo que se configura como o exercício do poder pelos “administradores da violência” sobre os povos subjugados⁵ (ARENDRT, 2006, p. 167 *apud* CABAÇO, 2007, p. 37-38). Estes sistemas econômicos representaram para os africanos perda de identidade e negação dos seus costumes, um regime de opressão como pontuou Frantz Fanon (2005). Nesse sentido, a narrativa da escritora Paulina Chiziane carrega um discurso reflexivo sobre o passado opressivo dos moçambicanos e sua repercussão para as gerações pós-coloniais:

—A crise existe porque o povo perdeu a ligação com a sua história. As religiões que professa são importadas. As ideias que predominam são importadas. Os modos de vida também são importados. O confronto entre a cultura tradicional e a cultura importada causa transtornos no povo e gera crise de identidade. Estamos tão sobrecarregados de ideias estranhas à nossa cultura que da nossa gênese pouco ou nada resta (VA, 2010, p. 160).

De acordo com Fanon, o processo de subordinação e exploração dos africanos, em relação aos europeus, pode ser entendido como o mundo colonial dividido em compartimentos, sendo que os lugares inferiores e esquecidos foram destinados aos negros colonizados:

O mundo colonizado é um mundo cortado em dois. A linha de corte, a fronteira, é indicada pelas casernas e pelos postos policiais. Nas colônias, o interlocutor legítimo e institucional do colonizado, o porta voz do colono e do regime de opressão é o policial ou o soldado. Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino, religioso ou leigo, a formação de reflexos morais transmissíveis de pai para filho, a honestidade exemplar de operários condecorados depois de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado à harmonia e à sabedoria, essas formas estéticas do respeito à ordem estabelecida, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e de inibição que alivia consideravelmente a tarefa das forças da ordem. Nos países capitalistas, entre o explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de “desorientadores”. Nas regiões coloniais, em contrapartida, o policial e o soldado, por sua presença imediata, suas intervenções diretas e frequentes, mantêm o contato com o colonizado e lhe aconselham, com coronhadas ou napalm, que fique quieto. Como vemos, o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura

⁵Chinua Achebe na sua obra *A flecha de Deus* (2011, p. 123-124) apresenta situações que demonstram como ocorriam as formas de violência e as imposições sobre os povos *igbos*, na Nigéria, através do imperialismo inglês: “Viajei por Olu e tenho viajado em Ibo e posso lhe dizer que não há escapatória para o homem branco. Ele chegou quando o Sofrimento bate à sua porta e você diz que não há lugar onde possa sentar-se, ele lhe diz que não se preocupe, porque trouxe seu próprio banco. O homem branco é assim. Antes que qualquer um de vocês tivesse idade suficiente para amarrar um pano entre as pernas, eu vi com meus próprios olhos o que o homem branco fez a Abame. Eu soube então que não havia escapatória. Assim como a luz do dia afugenta a escuridão, da mesma forma o homem branco desmanchará todos os nossos costumes. Sei que o que digo não entra nos ouvidos de vocês, mas acontecerá. [...] O homem branco, a nova religião, os soldados, a nova estrada, tudo isso é parte de alguma coisa. O homem branco tem uma espingarda, um facão, um arco e leva fogo em sua boca. Ele não luta com uma só arma”.

violência. O intermediário não alivia a opressão, não disfarça a dominação. Ele as expõe, ele as manifesta com a consciência tranquila das forças da ordem. O intermediário leva a violência para as casas e para os cérebros dos colonizados (FANON, 2005, p. 54-55).

A divisão do mundo colonial em compartimentos, a partir da concepção de Fanon (2005), possibilita um questionamento em relação ao lugar reservado à mulher negra nesse contexto. Se para os homens negros esse mundo representava submissão à ordem da classe dirigente com direito a uma série de violências inescrupulosas, para as mulheres significou mais invisibilidade além do silenciamento de suas vozes.

Os registros sobre as mulheres negras nesse período evidenciam vivências que denunciam situações de subalternidade e violência, contudo, estes mesmos registros são pertinentes para o levantamento da problemática que questiona o protagonismo dessas mulheres no contexto histórico-cultural da Nigéria e Moçambique, valendo-se, para isso, de informações da historiografia feminina nesses contextos.

A trajetória das mulheres africanas durante a colonização foi marcada, sobretudo, pela luta contra a negação de suas identidades, em detrimento daquelas impostas pelo colonizador. Nesse sentido, as mulheres negras ou eram invisíveis ou apareciam como objeto sexual, mulher “fácil” e sempre disponível, como afirma Telega-Soares (2014, p. 8):

Nos trabalhos que tratavam assuntos relacionados com a família ou as tradições dos escravos, a mulher ou era invisível ou aparecia como ser extremamente sexuado e promíscuo. Aliás, os relatos e os estudos sobre a suposta promiscuidade e sexualização dos negros abundavam no mundo acadêmico e influenciaram o imaginário popular.

De acordo com o levantamento feito por Isabel Casimiro (2004), pode-se perceber que a mulher africana, nos estudos historiográficos do período da colonização, recebeu inúmeras características que invalidam àquelas apresentadas pelos europeus. Nestes estudos, a mulher africana é apresentada de forma decorativa, “como vítima, como objeto passivo da história ou romantizada via mito do matriarcado africano e biografias de mulheres poderosas” (CASIMIRO, 2004, p. 152). Em contrapartida, essa mesma historiografia foge muitas vezes das verdadeiras imagens pertencentes às mulheres negras nesse período. Tadesse (1988 *apud* CASIMIRO, 2004) apresenta aspectos da vida das mulheres africanas durante o período da colonização e pós-colonização que são pertinentes para o entendimento sobre o impacto da escravatura na vida das mulheres, das relações entre mulheres e homens e na organização da sociedade. E assim descreve:

As diferentes influências que a escravidão provocou na vida de diversos tipos de mulheres. Apesar das mulheres terem constituído a maioria dos escravos, há relatos que mostram que, em primeiro lugar, houve mulheres proprietárias e comerciantes de escravos; e, em segundo lugar, que o comércio de escravos forneceu às mulheres livres um mecanismo de recrutamento de força de trabalho para as tarefas domésticas e agrícolas; e, em terceiro lugar, que a ligação das mulheres com a instituição da escravidão tem sido citada como uma das dificuldades na sua abolição, tendo a mesma persistido para além da II Guerra Mundial, em algumas regiões Africanas (TADESSE, 1988, p. 359 *apud* CASIMIRO, 2004, p. 154).

No interior das relações entre colônia e metrópole, mesmo vivendo situações de subalternidade e silenciamento, as mulheres continuaram a exercer papéis indispensáveis para a sobrevivência de seu povo, exercendo funções que, na visão eurocêntrica, é desempenhada apenas pelos homens. A partir dessa análise, observa-se que a presença feminina no contexto da colonização modificou o percurso histórico, possibilitando assim, uma quebra de paradigmas conceituais sobre a função social da mulher africana que marcará profundamente seu protagonismo nas lutas pela independência de seus respectivos países do domínio colonial.

2.1 COLONIZAÇÃO E ÁFRICA: O APAGAMENTO DO SOL

Ainda hoje vejo –
Seca, esquelética, sob o sol e a poeira dos meses sem chuva –
Lápide sobre os minúsculos escombros da coragem ardente.
(Chinua Achebe, 2008)⁶

A historiografia africana, no que concerne à colonização, passou por duas etapas diferentes, conforme o apresentado na introdução deste capítulo. Em relação à Nigéria, entretanto, ocorreu, primeiramente, em meados do século XVI com tráfico humano, quando africanos foram tirados à força da sua terra natal e transportados em navios tumbeiros⁷ para trabalharem como escravos em lugares distantes no globo. No século XIX, ocorreu o neocolonialismo, período em que o país foi subordinado ao domínio britânico, vivenciando os efeitos da partilha da África pelos impérios europeus. É importante ressaltar que o Império Britânico aproveitou sua atuação no processo que pôs fim a escravização dos africanos para

⁶*Broto de manga*, de Chinua Achebe, em *Christmas in Biafra and other poems*, corresponde à epígrafe da obra *Meio Sol Amarelo* (2008), um dos objetos da pesquisa.

⁷Nome dado a um tipo de navio, de pequeno porte, que fazia o tráfico de escravos da África para o Brasil, na época de sua colonização. Eram assim chamados, pois no trajeto, metade dos viajantes morriam, devido às péssimas condições da viagem.

efetivar seu domínio nesse território. Como apontado por Flávia Kellyane M. da Silva Santos (2017), nas suas pesquisas, quando afirma:

Foi a partir do século XIX que o Reino Unido assumiu a dianteira do expansionismo colonialista, constituindo-se como a potência europeia mais promissora na exploração da África. Foi durante esse século e começo do XX que a Grã-Bretanha exerceu grande controle sobre o território africano, implantando o seu regime, através da proibição da escravização dos nativos (CROWDER, 2011 *apud* SANTOS, 2017, p. 23).

Segundo a autora, a colonização da Nigéria pela Grã-Bretanha durou cerca de quarenta anos e foi baseado na concepção de que este processo traria progresso para a África. Dessa forma, o território nigeriano, sobretudo Lagos que, na época, sediava a colônia, sofreu fortes alterações voltadas para as práticas de modernizações instauradas pelos europeus (SANTOS, 2017)⁸. É necessário salientar que além dessas alterações ligadas as transformações estruturais do país, ocorreram constantes imposições da cultura europeia em relação à africana, sobretudo no que diz respeito à religião. De acordo com Santos (2017), a atuação dos missionários foi crucial na implantação do regime colonial na Nigéria, entretanto, nem todos os nativos aceitaram passivamente as doutrinas da religião do colonizador. Em relação a essa afirmação, Santos (2017) pontua que:

[...] os africanos resistiram de várias maneiras à ocupação britânica, seja da forma insubordinada, dando continuidade aos seus costumes “pagãos”, ou se convertendo ao cristianismo, mas acrescentando-lhes seus próprios costumes tradicionais. Esses povos contavam com os conhecimentos advindos de suas religiões como forma de dificultar as atividades coloniais e tentar dirimir as intimidações aos seus valores (OPOKU, 2010 *apud* SANTOS, 2017, p. 24).

A situação que merece destaque nesse processo de resistência está relacionada com a persistência dos curandeiros e chefes religiosos em preservar a todo custo os costumes africanos, oferecendo, nesse sentido, às gerações futuras seus aspectos culturais mais

⁸Voltando a citar um trecho do romance do escritor Chinua Achebe *A flecha de Deus* (2011), em um episódio em que o capitão inglês Winterbottom, funcionário da coroa britânica, e encarregado em construir a estrada que ligará a cidade Okperi à sua inimiga Umuaru, percebe-se a imposição e a exploração sofridas pelos africanos em relação à dominação inglesa: “mesmo assim, não poderia estar acabada antes do início da estação chuvosa, se fosse deixada para a turma paga que ele estava empregando. Pensara em aumentar o grupo, mas o capitão Winterbottom lhe dissera que, longe de autorizar qualquer aumento, estava considerando uma redução do número de trabalhadores [...]. O sr. Wright cogitara até mesmo reduzir o pagamento dos trabalhadores de três *pence* por dia para algo em torno de dois *pence*, mas com isso não conseguiria aumentar substancialmente a força de trabalho. [...] Fosse como fosse, só havia uma opção para o sr. Wright, se pretendia completar a estrada antes de julho. Teria de usar mão de obra não paga (2011, p. 111-112).

tradicionais (SANTOS 2017). Chinua Achebe⁹, um dos mais respeitados escritores africanos da atualidade, descreve, em seu romance *A flecha de Deus* (2011)¹⁰, a resistência do sacerdote Ezeulu da aldeia de Umuaro que, ao receber a proposta de tornar-se um dos administradores da coroa inglesa, recusa-a em uma atitude que potencializa sua imagem como autoridade religiosa além de ser resistência no auge da colonização britânica na Nigéria:

O homem branco observava Ezeulu com algo parecido a divertimento em seu rosto. Quando o intérprete terminou, ele endureceu o semblante e começou de novo. Censurou Ezeulu por ter mostrado desrespeito pelas ordens do governo e advertiu-o de que, se ele tornasse a mostrar esse desrespeito, seria severamente punido.

– Diga ao homem branco que eu ainda estou esperando para ouvir sua mensagem.

Porém, esta frase não foi traduzida. O homem branco acenou com a mão zangada, e levantou a voz. Ezeulu não precisou que ninguém lhe dissesse que o sr. Clarke acabara de declarar que não queria ser interrompido novamente. Depois disso, acalmou-se e falou sobre os benefícios da Administração britânica. Clarke não tinha querido fazer esse sermão, que denominaria de complacente, se outra pessoa qualquer tivesse feito. Mas não pôde deixar de fazê-lo. Confrontado com a orgulhosa falta de atenção daquele sacerdote feiticeiro a quem eles estavam prestes a fazer um favor, elevando-o acima de seus companheiros, e que, em vez de gratidão, demonstrava-lhe desprezo, Clarke já não sabia o que dizer. Quanto mais falava, mais ficava zangado.

Finalmente, graças à sua considerável autodisciplina e aos silêncios entre as suas palavras e as do intérprete, Clarke conseguiu controlar-se. E fez a proposta a Ezeulu.

A expressão no rosto do sacerdote não mudou quando a notícia lhe foi dada. Ezeulu permaneceu silencioso. Clarke sabia que demoraria algum tempo para que a proposta o atingisse com todo o seu peso.

–Bem, você aceita a oferta ou não? – Clarke estava feliz, sentindo-se um benfeitor que pensa intimamente: “Eu sei, meu velho, que com esta eu o derrubei...”.

– Diga ao homem branco que Ezeuku não será chefe de ninguém, exceto de Ulu.

– O quê? –berrou Clarke. –Esse fulano é maluco?

– Eu acho que sim, sinhô – disse o intérprete.

– Nesse caso, ele volta a prisão.

⁹Considerada a herdeira literária de Chinua Achebe, Chimamanda Adichie comenta em uma entrevista concedida à *Milênio* sobre a importância das obras desse autor para sua formação enquanto escritora. Nas palavras da própria escritora: “Chinua Achebe que Deus o tenha, foi muito importante para minha formação. Lê-lo me deu confiança para contar minha própria história, e esse é um dos melhores presentes que um jovem escritor pode receber (ADICHIE, 2017, *online*).

¹⁰Essa obra de Chinua Achebe é a preferida de Chimamanda Adichie. Na entrevista à *Milênio*, supracitada, a escritora nigeriana fala o motivo de sua preferência: “Acho muito bonito. *O mundo se despedaça* é um ótimo romance, mas eu o acho acessível e simples. *A flecha de Deus* é muito denso e muito verdadeiro da forma como conta nossa história. Ele tem todo tipo de... não é todo organizado, não é pacotinho fácil de digerir. Você o lê e relê e aprende coisas novas. É um dos meus romances preferidos. Eu realmente o acho sublime” (*Ibidem*).

Clarke estava agora furioso. Que descaramento! Um curandeiro fazendo de tola a Administração britânica, e em público! (ACHEBE, 2011, p. 249-250).

Achebe apresentou em seus escritos a forma como muitos líderes resistiram ao domínio do colonizador. Observa-se, no entanto, na obra do escritor nigeriano, a ausência do protagonismo feminino no contexto em análise. No que concerne às vivências femininas, o sistema colonial proporcionou o apagamento desse protagonismo dos registros históricos, em detrimento de imagens nas quais a mulher negra é apresentada como promíscua. Mulinari (1995, p. 35-37 *apud* CASIMIRO, 2004, p. 136) ressalta que a mulher negra na visão do colonizado é:

[...] de sangue quente e viável do ponto de vista sexual, e o homem negro é o violador; contra estes *outros* é desencadeada a violência do homem branco, para defender a mulher branca, plena de virtudes e, sobretudo, para evitar actividades [sic.] sexuais interracialis [sic.] e mestiçagens, que pusessem em causa o processo civilizatório do homem branco.

Conceituações como essas sobre o lugar da mulher na sociedade africana apresentam-na como sujeito secundário e inferior em relação ao sexo masculino. Duplamente colonizada, a mulher africana sofreu inúmeras formas de exploração, e como se não bastasse ainda padece pelos emparedamentos sociais e estereótipos em torno de seu papel na sociedade.

Ao questionar a ausência do discurso feminino no contexto da colonização, Gayatri Spivak (2010, p. 85) aponta que o silenciamento a elas imposto é muito mais problemático, visto que sofrem triplicamente por ser mulher, pobre e negra, questões sociais estas que a deixam ainda mais presa à obscuridade. Como então fazer a voz feminina ser ouvida em meio às situações periféricas como as vivenciadas no período colonial? Apesar dos registros infundados, escritos de acordo com a visão do homem branco sobre episódios significativos da história da colonização africana, as mulheres deixaram seus papéis secundários e tornaram-se heroínas de seu povo. Foi o que ocorreu na Nigéria, em 1929, quando o chefe administrativo da região sul ordenou a cobrança de imposto às mulheres *igbos* que trabalhavam nessa região, provocando uma grande revolta entre elas. Esta cobrança para o povo *igbo* era contrária à sua tradição, além de ser um ato abusivo da administração britânica que visava apenas seu favorecimento. Porquanto, essas mulheres organizaram protestos para o desmantelamento dessa ordem e também do sistema de administradores indiretos da coroa.

Este acontecimento consta na história da Nigéria e é narrado como um dos grandes atos heroicos para favorecer o país. “Hoje, alunos estudam o heroico protesto das mulheres *igbos*” (BURNES, 2007, p. 406). Portanto, graças a essa revolta a cobrança de imposto foi proibida aos *igbos*, sendo a mulher uma das peças mais importantes na luta contra o regime.

O colonialismo para as mulheres africanas por muito tempo significou o apagamento de seu protagonismo das linhas historiográficas, muitas vezes escritas a partir da versão do colonizador. No entanto, esse protagonismo possui seu lugar na verdadeira história, por isso precisa ser reverenciado por aqueles que invalidam a história única, a qual foi manchada pelo europeu, em detrimento da história escrita pelos sofrimentos e lutas daqueles e daquelas que foram forçados a silenciar-se.

2.2 (DES)COLONIZAÇÃO: UMA VISÃO APOCALÍPTICA

Era uma vez uns navegadores que se fizeram ao mar. Iam a caminho da Índia, em busca de pimenta e piri-piri, para melhorar o paladar de suas refeições de bacalhau e sardinha. Quando passavam pelo Oceano Índico, começaram a sentir vontades. De repousar. Ou de urinar. De pisar a terra firme e olhar para o mar. Talvez. Ou foram atraídos pelo maravilhoso canto das sereias. Atracaram.

Descobriram que a terra era imensa [...]. A terra tinha onze sereias. O’hipiti, que chamaram ilha de Moçambique. Nampula. Inhambane. Cabo Delgado. Zimbézia. Maputo. Niassa. Tete. Gaza. Sofala. Manica. De todas as sereias a Zimbézia era a mais bela. Os marinheiros invadiram-na e amaram-na furiosamente, como só se invade a mulher amada. A Zimbézia bela, encantada, gritava em pleno orgasmo: vem marinheiro, ama-me, eu te darei um filho. Eu e tu, sempre juntos, criando uma nova raça.

(Paulina Chiziane, 2008)

Paulina Chiziane, no romance *O alegre canto da perdiz* (2008), contextualiza a colonização a partir de uma metáfora instigante que apresenta as terras invadidas de Moçambique como o corpo da sereia que se rende ao domínio do colonizador. Na epígrafe acima, o narrador do romance supracitado nomeia onze sereias as quais se referem às províncias que formam o território de Moçambique (MEDEIROS; SECCO, 2014, p. 23). Na descrição, Zimbézia é a sereia mais bela e a mais explorada pelo colonizador, a qual se utiliza dessa situação de exploração para conseguir sobreviver em meio aos desafios impostos pela colonização.

A narrativa de Chiziane relaciona-se com a historiografia africana ao abordar Zambézia¹¹ como a preferida do marinheiro, uma vez que essa região foi a primeira a ser invadida pelos portugueses. Segundo José Capela (1985 *apud* SANTANA, 2009, p. 68), nos três séculos de domínio nesse território, a coroa portuguesa desenvolveu-se a partir de lutas contra a supremacia indiana e dos reinos locais, além da realização de alianças e casamentos.

O domínio efetivo desse território pelos portugueses iniciou, em meados do século XVII, quando os indianos prescindiriam a tutela do governo que se concretizou, de fato, no século XIX, com a ampliação do poderio lusitano, nessa parte do continente africano, determinada a partir da eleição do seu primeiro governador geral (CAPELA, 1995 *apud* SANTANA, 2009, p. 68).

Baseado no conceito de inferioridade racial que foi acobertado por um discurso paternal, o domínio colonial se justificou “[...] como uma missão civilizadora para a África e impôs condições de vida degradantes às populações africanas” (SANTANA, 2009, p. 69). A partir da experiência dolorosa que foi o colonialismo europeu nasceu o movimento nacionalista de Moçambique. Para Eduardo Mondlane (*apud* CASIMIRO, 2004)¹², primeiro presidente da Frente Nacional de Libertação de Moçambique-FRELIMO¹³, esse movimento não surgiu numa comunidade estável, como uma unidade linguística, territorial, econômica e cultural. Nas palavras de Mondlane:

[...] foi a dominação colonial que deu origem à comunidade territorial e criou as bases para uma coerência psicológica, fundada na experiência da discriminação, exploração, trabalho forçado e outros aspectos da dominação colonial (1995, p. 87 *apud* CASIMIRO, 2004, p. 172-173).

Nesse sentido, os movimentos nacionalistas surgiram no início do século XX, sendo a Liga Africana, fundada em Lisboa, em 1920, a primeira organização que favorecia os nativos africanos. Surgiram também o Instituto Negrófilo, a Associação dos Naturais de Moçambique, a União Democrática Nacional de Moçambique, a União Nacional Africana de Moçambique,

¹¹A presença portuguesa em Moçambique data desde o século XVI, de início, na região denominada, a partir de 1858, como Zambézia, compreendendo toda extensão territorial do centro do país que atualmente corresponde a quatro Províncias: Tetê, Sofala, Manica e Zambézia (CAPELA, 1985 *apud* SANTANA, 2009, p. 68).

¹²Eduardo Mondlane foi o primeiro Presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), criada em 1962. Foi pastor até os 12 anos, idade em que iniciou a Escola Primária, numa Missão Suíça, na Província de Gaza. Foi assassinado em Dar-es-Salaam, Tanzania, em fevereiro de 1969, por ação [sic.] de uma carta-bomba (CASIMIRO, 2004, 174).

¹³A FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique - é criada a 25 de junho de 1962, surgida da fusão de alguns movimentos nacionalistas, criados nos territórios vizinhos. Após consultas junto do governo português e, perante a recusa de transição pacífica do poder, a FRELIMO prepara-se para a luta armada, iniciada em Cabo Delgado, província nortenha e coração da luta, a 25 de setembro de 1964 (CASIMIRO, 2004, p. 171).

além de outras (FREITAS, 2012, p. 20). Estas organizações uniram-se e formaram a FRELIMO, organização que iniciou um combate contra as forças militares portuguesas em prol da libertação de Moçambique. Vale ressaltar que o jugo vivenciado pelos africanos durante a colonização significou o motor propulsor para o movimento de descolonização e independência desse país.

Partindo da concepção de Frantz Fanon (2005, p. 51), de que “a descolonização é sempre um fenômeno violento”, pode-se compreender esse processo através do envolvimento das mulheres africanas na luta de resistência contra o domínio europeu. Foi o que ocorreu na Greve de Buzi, em 1947, quando 7.000 mulheres se recusaram a realizar cultivo de algodão, e desenvolveram ações contra o domínio do homem branco através da queima de sementes e de outras ações contra as concessionárias algodozeiras. O resultado dessas ações foi a isenção deste trabalho para as mulheres grávidas e mães com crianças até 4 anos de idade. Outro movimento de resistência anticolonialista desempenhado pelas mulheres moçambicanas diz respeito a sua atuação na propaganda de desprestígio do governo colonial perante a divulgação de notícias sobre o recente movimento nacionalista de Moçambique já mencionado (ISAACMAN e STEFHAN, 1984, p. 23; MATEUS, 1999, p. 59-60 *apud* SANTANA, 2009, p. 70).

A atuação feminina contra o domínio do colonizador se intensificou ainda mais quando o movimento de libertação incluiu, junto aos seus combatentes, mulheres, que desempenharam papéis como mães, irmãs, militantes e camaradas “como parte de um povo que a FRELIMO representava” (CASIMIRO, 2004, p. 182).

A atuação dessas mulheres, na luta anticolonialista, tanto proporcionou um avanço significativo, como também efetivou a importância da participação das mulheres africanas nesse momento histórico. Sobre isso, Casimiro (2004, p. 188) pondera que:

Enquanto sujeito histórico, a mulher adquiriu protagonismo, em Moçambique através do movimento nacionalista unificado, com a criação de FRELIMO, em junho de 1962. Na sua procura de identidade cultural e de afirmação de uma identidade nacional em Moçambique, criou condições para o ‘engajamento’ de mulheres e homens na luta contra o colonialismo.

Para Casimiro (2004, p. 188), a representação feminina na luta contra o colonialismo lusitano está evidenciada no *Hino da Mulher Moçambicana*, elaborado depois da independência:

Cantemos com alegria o sete de Abril:

O dia consagrado à Mulher Moçambicana;
 Companheira inseparável do homem engajado
 Na luta contra a velha sociedade exploradora
 Quem é?
 Aquela que mobiliza e organiza o nosso Povo
 Quem é?
 Aquela que produz e alimenta os combatentes
 É a Mulher Moçambicana emancipada
 Que destrói as forças da opressão.
 Lutando com firmeza contra as ideias velhas,
 Ignorância, obscurantismo, poligamia ou lobolo;
 Levando no olhar a certeza da vitória,
 Sabendo que a vitória se constrói com o sacrifício
 Quem é?
 Aquela que ergue alto o farol da Liberdade
 Quem é?
 Que grita ao mundo inteiro
 Que a nossa luta é a mesma
 É a Mulher Moçambicana emancipada
 Que traz o Povo no seu coração.
 Do Rovuma ao Maputo, unamos nossas forças
 Cimentemos a unidade ideológica do Povo;
 A FRELIMO já traçou a Política do Povo
 Que deve ser vivida e difundida, noite e dia
 Avante, Moçambicanos,
 Avante, Homens e Mulheres,
 Na Unidade, no Trabalho e Vigilância:
 Venceremos a Exploração”.¹⁴

A reminiscência do dia sete de abril é apresentada neste Hino como um evento memorável e digno de ser comemorado. A data além de comemorar o dia da mulher moçambicana, rememora a morte de Josina Machel¹⁵, uma heroína nacional, que lutou em favor da independência do país e pelo direito das mulheres em participar ativamente na política. A relevância da data e as descrições expostas no *Hino da mulher moçambicana* sobre a participação feminina no combate ao domínio português registra historicamente esse

¹⁴(FRELIMO (1975). *Hinos da Revolução*, Imprensa Nacional de Moçambique, Lourenço Marques, p. 42 *apud* CASIMIRO, 2004, p. 188-189).

¹⁵Josina Abiathar Muthemba, nasceu em 10 de agosto de 1945. Com o apoio da família, pode estudar e frequentou a escola secundária, algo não muito comum às mulheres moçambicanas naquele momento. Foi durante o ensino secundário, ao se mudar para Lourenço Marques, atual Maputo, capital do país, que se envolveu politicamente e tornou-se membro da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), partido que esteve à frente da luta pela libertação nacional.

Por duas vezes, tentou fugir de Moçambique para se juntar à FRELIMO e à luta armada. Na primeira, foi capturada na Rodésia do Sul, atual Zimbábue; foi mandada de volta à Moçambique e presa. Na segunda tentativa, conseguiu alcançar a sede e o acampamento militar da FRELIMO em Dar es Salaam, capital da Tanzânia, país vizinho. Foi uma das 25 mulheres que receberam treinamento militar. Lá, conheceu Samora Machel, seu futuro marido e Primeiro Presidente de Moçambique.

À frente do destacamento feminino (unidade dedicada ao treino militar e educação política), ajudou na construção de creches, escolas e hospitais nos tempos da guerra. Recusou uma bolsa para estudar na Suíça, por entender que seria mais relevante permanecer e lutar contra o domínio português (MARQUES, 2019, *online*).

protagonismo e afirma a importância dessa atuação na conquista da liberdade de Moçambique. Concomitante a isso, essas mulheres lutaram também pela sua liberdade ao protestar contra o patriarcalismo imposto através do tradicionalismo do labolo e da poligamia.

É necessário salientar que mesmo atuando de forma significativa no movimento de libertação de Moçambique, as mulheres continuaram exercendo, mesmo após a conquista da independência, suas antigas funções ligadas ao trabalho doméstico e ao preparo dos alimentos, o que ocorreu foi o acréscimo de mais atividades ligadas à participação na luta, como: “alimentar os guerrilheiros, ocupar-se da segurança das zonas libertadas, escolas, infantários, centros de saúde, treinar e participar em combates” (CASIMIRO, 2004, p. 190). A participação das mulheres em combates se concretizou a partir da criação oficial do Destacamento Feminino, em 1966, fato que as possibilitou um engajamento ainda maior nas tarefas militares. No entanto, as tarefas ligadas à maternidade das combatentes, ou seja, as tarefas invisíveis, que já as ocupavam, demasiadamente, não foram repensadas pela organização, ocorrendo uma divisão sexual de trabalho, na qual as mulheres ficavam com uma carga maior de tarefas (CASIMIRO, 2004, p.190).

A escritora Paulina Chiziane¹⁶, atuou na luta pela resistência anticolonialista, participando diretamente com as atividades desenvolvidas pela FRELIMO. Na entrevista concedida a Cintia Acosta Kütter, da Universidade do Rio de Janeiro, Chiziane fala sobre o motivo que a impulsionou a fazer parte dessa organização:

Não sei, mas por outro lado, eu lia muito desde pequena, então tinha muitas referências na cabeça. E contrastava com muitas meninas num tempo que não tinham acesso à leitura, então eu conversava mais com rapazes do que com meninas, por conta do nível de estudos e intelectual que tinha. Então, de repente os rapazes fazem a oferta: que tal essa noite sairmos para fazer um determinado trabalho? (KÜTTER, 2017, p. 57).

Chiziane representa todas as ativistas intelectuais que lutaram durante a guerra pela independência de Moçambique, seja quando estava envolvida nas atividades do movimento de

¹⁶Paulina Chiziane, escritora moçambicana que nega o rótulo de romancista, preferindo ser denominada como uma contadora de histórias, nasceu em 1944, em Manjares, província de Gaza, tendo que migrar ainda pequena para a capital, na época Laurenço Marques onde realizou seus estudos. Completou sua formação em uma Escola Comercial, antes da Independência de seu país. Trabalhou na Cruz Vermelha, durante a guerra de desestabilização em Moçambique, e retomou seus estudos se matriculando na universidade para estudar linguística. Iniciou sua atividade literária em 1984, tendo contos publicados na página literária do jornal *Domingo* e no semanário *Tempo*. Atualmente vive e trabalha na província de Zambézia. Chiziane é considerada a primeira mulher de seu país a escrever um romance, desafiando dessa forma, um sistema ainda com resquícios coloniais, críticas e resistências sociais.

libertação nacional, seja quando lutava para livrar-se das bombas que caíam durante a noite e interrompia sua escrita. O processo de descolonização exigia coragem em um cenário de constantes conflitos e violências. Mas, de acordo com Fanon (2005, p. 52), a descolonização também “modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, tomados de maneira quase grandiosa pelo rumo da História”. Neste caso, Paulina Chiziane e Chimamanda Ngozi Adichie, possuem o perfil de “atrizes privilegiadas”, pois atuaram e atuam ativamente para desconstruir/descolonizar fundamentos errôneos que tornam invisíveis a atuação da mulher negra nos contextos atuais.

2.3 À REVELIA DA HISTÓRIA: OUTRAS VOZES, MESMAS VOZES

E hoje, pergunto-me, o que substitui aquelas coisas-padrão reais? Se formos mulheres, os homens talvez; o ponto de vista masculino que governa nossas vidas, que determina o padrão, que estabeleceu o quadro de precedência de Whitaker, o qual a partir da guerra, suponho, converteu-se num meio fantasma para muitos homens e mulheres, e o qual em breve, sob zombaria, espera-se, irá para dentro da lata de lixo, que é para onde vão os fantasmas, os aparadores de mogno, as reproduções de Landseer, os deuses e os demônios, o inferno e assim por diante, deixando-nos com um intoxicante sentimento de liberdade ilegítima – se é que existe a liberdade!

(Virginia Woolf, 1984)

Na historiografia africana, as mulheres são apresentadas como rainhas, agricultoras, ou como perpetuadoras da linhagem através do dom da maternidade. Nessa história, as mulheres foram registradas também como guerreiras, pois lutaram lado a lado com homens pela libertação de seus países do domínio europeu. Durante a colonização, as mulheres através de diferentes atuações protagonizaram a libertação de seu povo. Hoje, as gerações que são frutos dessas mulheres ainda sofrem pela opressão que existe fora e dentro de si mesmas. O processo de descolonização dos países africanos foi doloroso, significou o sacrifício de muitos, no entanto, mesmo livre do jugo europeu, os africanos ainda carregam o peso da colonização que permanece imbricado à cultura e revelado por meio de estereótipos e da única história contada pelo colonizador.

Alice Cherki, ao escrever o prefácio da obra *Os condenados da terra* (2005), de Frantz Fanon, abordou que a análise do autor é sobre as consequências da submissão de povos e sujeitos ao opressor, alertando que, após a libertação de ambos, deve ocorrer no indivíduo a “descolonização do ser”. Nesse sentido, a libertação de um país é o primeiro passo para a

efetivação dessa liberdade dentro do sujeito. Chiziane problematiza essa questão através de uma nova concepção de colonização, a qual ocorre na mentalidade do sujeito, tornando-os escravos inconscientes das antigas potências colonizadoras:

Os filantropos, do seu pedestal, dão a mão desinteressada. As vítimas no abismo, de joelhos recebem o auxílio de mão erguidas no ar. Como na prece. Deliram, satisfeitos, porque recebem o maná vindo da misericórdia divina, Deus ouviu os nossos lamentos. Recebem roupas, mantas, painelas, medicamentos, farinha, sabão, peixe e feijão [...]. Todos comem até saciar e esquecem o trabalho da machamba, para quê trabalhar se os homens bons nos dão tudo? Quando esta comida acabar, receberemos outra. O povo não exerce os seus deveres, as suas tradições, e espera esmola, nova forma de colonização mental (VA, 2010, p.142).

No decorrer das lutas anticolonialistas, muitos sujeitos deixaram de ser meros expectadores e passaram a atuar ativamente nesse processo, como é o caso das mulheres que promoveram greves contra as imposições da administração colonial, aquelas que se dispuseram a lutar lado a lado com os homens pela independência de seu país, ou até mesmo outras que tinham como missão preparar os alimentos dos combatentes durante os conflitos, todas atuaram heroicamente nesse contexto.

No desenvolvimento de ações contra as algemas da colonização surgiram intelectuais como Noêmia de Souza, Lina Magaia e Lília Momplé, escritoras que foram porta-vozes do seu povo durante esse período e que são exemplos para outras mulheres que atualmente lutam em prol das causas femininas. Lina Magaia¹⁷, por exemplo, foi escritora, jornalista e atriz, atuou ativamente na luta pela Libertação Nacional, sendo respeitada entre os colegas combatentes pela sua bravura, hoje representa a imagem de uma mulher guerreira e destemida (FREITAS, 2012, p. 39).

Pauliana Chiziane, ainda jovem, também participou dessa mesma luta a favor da independência de Moçambique, atualmente a luta dessa escritora diz respeito à busca pelo lugar de voz da mulher na sociedade, valorizando a cultura de seu povo e desmistificando aquela imposta pelo homem branco. Para Chiziane (*apud* MIRANDA, 2013, p. 354), a colonização foi um processo muito violento para as mulheres africanas, porque “A escravatura, alguns valores trazidos pelas religiões ocidentais e orientais são ainda mais violentos que algumas tradições

¹⁷Lina Júlia Francisco Magaia morreu com problemas cardiovasculares em 27 de junho de 2011, seus restos mortais foram enterrados no Distrito Municipal de Manhiça. Exemplo de vida, encontramos nas obras deixadas e publicadas pela referida militante uma mulher que soube enfrentar as muitas guerras de Moçambique. Em meados dos anos 80 trouxe para a literatura momentos importantes da recente história moçambicana e tragédias de banditismo armado (FREITAS, 2012, p. 39).

africanas”, por isso, os africanos depois da libertação de seu país ainda precisam lutar pela invalidação desses valores imbricados nas tradições de seu povo.

A literatura escrita por Chiziane toma para si o papel de resgatar “personalidades roubadas” (CHIZIANE *apud* MIRANDA, 2013, p. 354-5), de reavivar a cultura de seu povo esquecida durante a dominação lusitana. Segundo Sávio Freitas (2012), a narrativa de Chiziane se insere no projeto literário da fase pós-colonial¹⁸ através da denúncia social, evidenciada no seu primeiro romance¹⁹, e resgatando a oralidade que é predominante na cultura moçambicana, através da contação de histórias ao redor da fogueira (FREITAS, 2012, p. 31). Observe-se no trecho abaixo:

Escutai os lamentos que saem da alma. Vinde, sentai-vos no sangue das ervas que escorre pelos montes, vinde, escutai repousando os corpos cansados debaixo da figueira enlutada que derrama lágrimas pelos filhos abortados. Quero contar-vos histórias antigas, do presente e do futuro porque tenho todas as idades e ainda sou mais novo que todos os filhos e netos que hão-de-nascer. Eu sou o destino. A vida germinou, floresceu e chegamos ao fim do ciclo. Os cajueiros estão carregados de fruta madura, é época de vindima, escutai os lamentos que saem da alma, KARINGANA WA KARINGANA (VA, 2010, p.15).

Nesse fragmento do romance *Ventos do Apocalipse* (2010), a narradora se utiliza da língua portuguesa para reafirmar as formas tradicionais apagadas pelo colonizador, o que para Freitas (2012) se configura como uma forma de manter a cultura autóctone através de um processo de legitimação da identidade cultural, valorizando não apenas a cultura local por meio da representação das suas crenças, como também dando vida aos mitos que povoam as florestas e o imaginário de um povo que ainda vive sob a égide do tradicionalismo tribal.

Chiziane, nesse mesmo romance, aborda o inconformismo feminino diante das imposições patriarcais e da cultura autóctone através da personagem Wusheni, filha do antigo régulo Sianga e de Minosse; ela retrata uma mulher que mesmo vivendo em sociedade tradicional que preza pela manutenção de seus costumes, abdica de tudo para viver com seu grande amor, Dambuza, um homem estrangeiro, pertencente a outro clã, conforme o excerto:

¹⁸A fase pós-colonial corresponde à literatura do período pós-independência, ou seja, os textos publicados depois de 25 de junho de 1975. Os escritores e as escritoras relatam suas experiências pós-coloniais em um tom intimista e individualista, o que justifica a opção por uma narrativa focalizada em primeira pessoa. Esta fase também é conhecida como a literatura da moçambicanidade, conforme menciona Chabal (1994, p. 53), cujo grupo de intelectuais assumiu a responsabilidade de produzir uma literatura que tratasse de temas referentes à(s) cultura(s) moçambicana(s). Focalizar a cultura nos textos literários moçambicanos marca um desvio temático do que vinha sendo problematizado anteriormente em termos de literatura, como a relação colonizador e colonizado, o preconceito racial (a dor de ser negro) e mestiçagens, por exemplo (FREITAS, 2012, p. 29).

¹⁹*Balada do amor ao vento*, publicado pela primeira vez em 1990.

- Wusheni, diz ao menos que me amas.
- Meu Dambuza, amo-te, sim. Esta linguagem de amor só é válida para nós os dois. Na nossa tribo a palavra amo-te significa vacas. Vacas para o labolo²⁰ e nada mais. Sem labolo não há casamento.
- Sou um rato solitário e sem covil. Sou um cão danado sem dono. Tenho a sabedoria da miséria. Do sofrimento sei eu. Sou mais que pobre, não tenho nem um pato, nem uma galinha, nem pelo menos um ovo.
- Mesmo que tivesse tudo, meu Dambuza, não és do meu clã, e não só. E o meu pai, esse antigo régulo ranhoso e cheio de preconceitos? Não sei, não sei (VA, 2010, p. 21-22).

Seja revitalizando a cultura do povo moçambicano através das histórias sobre os personagens da aldeia de Mananga, seja narrando as intempéries das mulheres no cenário bélico, Paulina Chiziane faz a voz desses sujeitos serem ouvidas por meio da sua escrita.

Chimamanda Ngozi Adichie²¹, diferentemente de Chiziane não lutou na guerra civil em seu país, pois nasceu sete anos após o término do conflito, contudo, essa escritora vivenciou, através do sofrimento dos seus pais e avós, as sequelas deixadas pelos combates bélicos. Adichie comenta em entrevista a *Milênio* sua motivação para escrever a obra *Meio sol amarelo*:

[...] Biafra sempre foi algo pessoal para mim. Começou como interesse pessoal e depois virou político. Eu queria entender a história da minha família, queria entender por que aqueles homens, principalmente meu avô paterno de quem ouvi falar tanto e que era um homem digno e maravilhoso, tinham morrido num campo de refugiados. Então eu li tudo que consegui achar. Mas meus pais não falavam muito da guerra. Acho que isso acontece quando há um grande trauma. As pessoas mencionam de passagem, mas ninguém diz o que aconteceu de fato. Então comecei a fazer perguntas. Eu lia livros e depois fazia perguntas, e meu pai particularmente foi muito franco, porque se dispôs a falar de coisas muito dolorosas para ele. Eu tomava notas e depois fiz muitas pesquisas, nos arquivos, analisei fontes primárias, realmente mergulhei. Eu queria entender as formas como as pessoas vivenciaram a guerra, porque a imagem de Biafra que ficou gravada na mente de muita gente foi a da criança faminta, que obviamente é muito difícil. Eu tive dificuldade de olhar aquelas fotos, que para mim eram muito pessoais. Eu olhava e pensava: “Podia ser minha prima”. Mas eu também queria mostrar que houve pessoas que morreram de fome, mas havia pessoas que ainda tinham o que comer e havia

²⁰Nome que é dado em Moçambique à gratificação que a família do noivo paga à família da noiva.

²¹Chimamanda Ngozi Adichie, nascida em 1977, é uma escritora que representa uma voz feminista poderosa que se destaca na cena literária atual da África de expressão inglesa em geral e da Nigéria, em particular. É a quinta criança dos seis filhos do casal Grace Ifeoma e James Nwaye Adichie. Era oriunda de uma família intelectual, já que o seu pai trabalhava na Universidade de Nsukka. Em 1996, Chimamanda Adichie emigrou para os Estados Unidos, onde lhe foi atribuída uma bolsa de estudo na Universidade Estatal de Eastern Connecticut, vindo a completar, com distinção, um curso em Comunicação e Ciências Políticas, em 2001. Continuou a sua educação e concluiu o curso de mestrado em Escrita Criativa na Universidade de John Hopkins em Baltimore. Em 2008, a escritora completou mais um curso de mestrado, desta vez em Estudos Africanos na Universidade de Yale. Atualmente, Adichie é casada e divide o seu tempo entre a Nigéria, onde ensina regularmente a escrita criativa, e os Estados Unidos.

estrangeiros que iam para Biafra e faziam carreira tirando fotos das crianças e ganhando prêmios em seus países. Acho que isso também faz parte da história. Eu quis mostrar esse cenário amplo. E deu muito trabalho. Passei muito tempo escrevendo esse livro, talvez seis anos. Quando escrevi a última palavra, eu não queria largar e entrei num estado depressivo estranho. Eu não sabia mais o que fazer da vida porque aquilo havia me consumido durante tanto tempo. E ainda é meu romance mais pessoal, ainda é o livro que me emociona quando leio trechos (ADICHIE, *online*).

A narrativa de *Meio sol amarelo* (2008) possui um significado pessoal para a escritora, sendo pessoal, passa a ser “político”, pois suas narrativas possibilitam às mulheres construir um conhecimento sobre si mesmo e sobre os outros, conhecimento da própria subjetividade através de uma linguagem comprometida com o papel afirmativo do gênero feminino e sua intervenção no mundo público (VIANNA, 2003, *online*).

A voz que ecoa nos escritos de Adichie não revela apenas os sofrimentos desumanos encobertos pelas tecnologias midiáticas ou pelos discursos jornalísticos da época da guerra Nigéria-Biafra de 1967-1970, revela as relações afetivas que foram construídas e interrompidas durante os conflitos. A narrativa dessa escritora cumpre a missão que nenhum fotógrafo ou jornalista na época conseguiria cumprir: dar vozes as experiências individuais dos sujeitos vítimas dessa beligerância. Para Lúcia Helena Vianna (2003, *online*): “a linguagem não é a expressão apenas de uma individualidade, mas o lugar da construção da subjetividade, que se dá de modo socialmente específico”, isto apenas a arte literária é capaz de fazer.

Através de discursos particulares e das próprias experiências vividas, Adichie constrói uma narrativa que expõe aspectos culturais herdados dos colonos, cujo objetivo é uma tomada de posição crítica por parte dos africanos diante das amarras coloniais que ainda escravizam suas mentes, impedindo-os de conquistar sua liberdade legítima.

Percebe-se, esse posicionamento da escritora nigeriana em um fragmento do romance referido, no qual Ugwu, rapaz que trabalha na casa dos protagonistas, Olanna e Odenigbo, começa já tarde da noite, a refletir sobre os assuntos que são discutidos nesse local durante as reuniões que ocorrem com os professores da Universidade que seus patrões lecionam:

Tarde da noite, quando o patrão já estava na cama, Ugwu sentava na mesma poltrona e se imaginava falando em inglês fluente, conversando com convidados imaginários, todos fascinados, usando palavras como descolonização e pan-africanismo, moldando sua voz conforme a do Patrão, e mexendo e remexendo o corpo até também ficar na beiradinha da poltrona.
 “Claro que nós somos todos iguais, todos temos a opressão branca em comum”, disse a srta. Adebayo, secamente. “O pan-africanismo é simplesmente a resposta sensata”

“Claro, claro, mas o que eu digo é que a única identidade autêntica para um africano é sua tribo”, disse o Patrão. “Eu sou nigeriano porque um branco criou a Nigéria e me deu essa identidade. Sou negro porque o branco fez o *negro* ser o mais diferente possível do *branco*. Mas eu era *ibo* antes que o branco aparecesse” (MSA, 2008, p. 31).

Nesse fragmento, evidencia-se a importância que Adichie apresenta em relação a descolonização do ser, confirmando dentro de si mesmo a convicção de que o homem/ a mulher africana antes da invalidação de suas tradições pelo europeu, possuíam uma tribo, costumes, um nome, uma língua, uma história.

Na epígrafe que abre essa subseção, Virginia Woolf questiona a liberdade que as mulheres dizem possuir, uma liberdade que ela mesma considera ilegítima. Mesmo no contexto pós-colonial, a liberdade das mulheres africanas continua ilegítima, pois ainda paira no inconsciente feminino o sentimento de inferioridade em relação ao colonizador. Contudo, as escritoras Chimamanda Adichie e Paulina Chiziane através de suas penas, narram histórias que afirmam identidades, histórias que abrem caminhos para liberdades legítimas.

3 DESAFIANDO A ESCRITA: OS PERCURSOS DISCURSIVOS DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E PAULINA CHIZIANE

Heroico é sobreviver simplesmente, debatendo-se contra a estreiteza dos limites das experiências permitidas. Qualquer mulher que viva e resista e se sobreponha à opressão é heroína e precisa contar que venceu ou que resistiu e sobreviveu, o que vem a ser a mesma coisa. Ela precisa deixar na história sua cicatriz bem marcada, feita de palavras, na forma de escrita memorialítica [...].
(Maria José Motta Viana, 1995)

Uma foi a primeira mulher a escrever um romance no seu país ainda no século passado, a outra foi rotulada feminista ainda adolescente. Duas personalidades com adjetivações inesgotáveis, visto que trazem nas suas trajetórias literárias uma gama de questionamentos e protestos oriundos das mazelas e sofrimentos vividos pelos sujeitos de seus respectivos territórios. Chimamanda Ngozi Adichie e Paulina Chiziane, escritoras africanas de nacionalidades distintas, Nigéria e Moçambique, respectivamente, utilizam suas escritas para denunciar as formas de violência e de sofrimentos que ainda persistem nessas sociedades pós-coloniais.

Os discursos narrativos dessas escritoras tornam-se pertinentes neste trabalho, pois carregam um peso de subjetivação e ressentimentos provenientes das imposições coloniais na vida de mulheres africanas. Nesse sentido, elas tomam para si a missão de, através de seus discursos, desmascarar conceitos preconceituosos e estereotipados sobre a imagem feminina nesses contextos. Sobre isso, Conceição Evaristo (2005, p. 54) afirma:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de *representação* da mulher negra na literatura.

Chimamanda Ngozi Adichie é conhecida também por suas palestras instigantes como *O perigo da história única* (online) que escancara o pensamento pós-colonial através de uma revisão de questões de identidade; e *Sejamos todos feministas* (2015) que aborda uma temática primordial nas escrituras dessa autora, feminismo e discriminação sexual. Nessa obra, Chimamanda Adichie relata um episódio que ocorreu na Nigéria quando ela divulgava seu primeiro romance *Hibisco Roxo*, cujo enredo, entre outras coisas, aborda a realidade de uma família que sofre nas mãos de um pai violento e patriarcalista; o questionamento de um jornalista que disse ter escutado comentários sobre seu livro e ao tentar “aconselhá-la” confirmou o que a escritora já sabia de si mesma:

Enquanto eu divulgava o livro na Nigéria, um jornalista, um homem bem-intencionado, veio me dar um conselho (talvez vocês saibam que nigerianos estão sempre prontos a dar conselhos que ninguém pediu). Ele comentou que as pessoas estavam dizendo que meu livro era feminista. Seu conselho — disse, balançando a cabeça com um ar consternado — era que eu nunca, nunca me intitulasse feminista, já que as feministas são mulheres infelizes que não conseguem arranjar marido. Então decidi me definir como “feminista feliz” (ADICHIE, 2015, p. 12-13).

Nesse sentido, Adichie evidencia sua posição diante da sociedade na qual está inserida, de uma escritora que escreve assuntos de mulher, da forma como Virginia Woolf (2015, p. 23) pontuou: “[...] tendo encontrado voz própria, as mulheres têm algo a dizer que, naturalmente, é do maior interesse e significado para as mulheres, mas cujo valor ainda não podemos determinar”. Escritos que carregam o peso do resquício da dominação patriarcal que ainda opera nas ações e mentes do seu povo. No fragmento de *Meio Sol Amarelo* (2008), no episódio em que Olanna revela à família sua decisão em morar em Nsukka e trabalhar como professora universitária, a cultura patriarcalista é evidente:

Olanna pôs a colher no pranto. “Eu decidi ir para Nsukka. Vou partir em duas semanas.”

Ela viu a maneira que o pai comprimiu os lábios. A mãe deixou a mão suspensa no ar por alguns instantes, como se a notícia fosse trágica demais para que continuasse salpicando sal na comida. “Pensei que você ainda não tivesse decidido”, disse ela.

“Não posso adiar mais, caso contrário eles vão oferecer o cargo pra outra pessoa”, disse Olanna (MSA, 2008, p. 42).

A reação do pai, comprimindo os lábios depois da revelação de Olanna, ressalta a insatisfação dele em relação a escolha da filha. O patriarcalismo por parte do pai vai ser revelado quando ele faz um comentário sobre a outra filha Kainene, pois esta, ao contrário de Olanna, administrará as fábricas e os demais investimentos da família: “‘Kainene não é só como um filho, ela é como dois filhos homens’, disse o pai” (MSA, 2008, p. 43).

Escrever sobre assuntos femininos em um território onde as mulheres sofrem inúmeras formas de opressão masculina, constitui um papel público desempenhado por um indivíduo intelectual. Sobre isso, Edward W. Said (2005, p. 25 *apud* PEREIRA, 2012, p. 19) pondera: “o intelectual é um indivíduo com um papel público na sociedade, dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude para e por um público”. Nesse sentido, escritoras como Chimamanda Adichie e Chiziane possuem esta

vocação, pois apresentam personagens que configuram sujeitos reais e invisíveis na sociedade, mas que ganham espaço através de suas narrativas.

Paulina Chiziane, por sua vez, escritora dotada de uma bagagem histórica riquíssima, vivenciou um momento dramático em Moçambique que foi a guerra de desestabilização²², período que trabalhou como voluntária na Cruz Vermelha. Dessa experiência ela escreveu *Ventos do Apocalipse* (2010), romance extremamente rico em imagens que desnorteiam o leitor, pois revelam as atrocidades vividas pelo povo moçambicano da aldeia Mananga durante o período de beligerância. Conforme o excerto:

A guerra penetrou em Mananga. Já se ouvem rumores da guerra em Macuácuá, mas ultimamente os roquetes de bazucas e rajadas de metralhadoras aproximam-se de Alto Changane. Já se ouvem notícias de camponeses mortos e capturados.

O momento é de dificuldades. Quem escapa da fome não escapa da guerra; quem escapa da guerra é ameaçado pela fome. Os jovens arrumam a trouxa e partem. Os velhos, as mulheres e as crianças ficam (VA, 2010, p. 58).

Chiziane representa a voz de sujeitos que por muito tempo ficaram às margens da sociedade moçambicana, os aldeões que são apresentados no romance vivem os horrores da guerra nas mais diversas formas de decadência humana. Dentro deste grupo, a escritora traça o perfil de mulheres como Minosse que precisa suportar a fome, diferentes formas de exploração, em um ambiente catastrófico de dor e morte. As narrativas escritas por Chiziane podem ser definidas como uma literatura de resistência, pois o que antes era considerado o lugar onde opera a fantasia, passa a ser o lugar de verdade mais exigente (BOSI, 2002). Resistência é sinônimo de escritura na vida dessa escritora que escreveu seu primeiro romance em um ambiente beligerante, mas que não a impediu de lutar pelos seus ideais. Nas palavras da própria escritora:

Escrevi a minha primeira obra debaixo de estrondos e ameaças de morte. Publiquei-a. escrevi a segunda debaixo do mesmo ambiente. Está no prelo. Trabalhar numa atmosfera de morte é minha forma de resistir. Ninguém tem o direito de interromper os meus sonhos (CHIZIANE, 2013a, p. 205).

Compromissada em resistir e denunciar as formas de violência que ainda sofrem as mulheres moçambicanas, a escritora burla regras sociais que silenciam as mulheres colocando-

²²A expressão “guerra de desestabilização” se explica pelo emprego de forças externas a Moçambique (Rodésia, África do Sul e EUA apoiando os guerreiros da RENAMO, e URSS e Cuba, o governo da FRELIMO) e pelo método político, que visava impor mudanças na estrutura social, política e econômica do país; o RENAMO fazia oposição política ao governo de estrutura socioeconômica marxista da FRELIMO (PEREIRA, 2012, p. 22).

as sob o domínio patriarcal. A sua missão como escritora é como ela mesmo afirma: “Com as minhas mãos, afasto pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança de que, num futuro não muito distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade para a realização dos seus desejos” (CHIZIANE, 2013a, p. 204).

As narrativas dessas escritoras apresentam personagens que foram subjugadas pelo domínio do colonizador, mas que depois de uma longa e difícil jornada encontraram seus destinos. Adichie e Chiziane narram suas histórias, histórias que ganham vida a partir de outras vidas, e, como contadoras de histórias, transmitem ensinamentos e instigam os leitores ao questionamento de contextos e realidades. Como pondera Cassilhas (2016, p. 54): “A associação de escritores africanos às/aos contadoras/es de história é comum e funciona como uma forma de posicionar-se artisticamente a partir de uma postura política de resistência às imposições coloniais”. Nesse sentido, essas escritoras apresentam as mulheres negras em diferentes contextos como uma forma de protesto contra os mecanismos de estereotipia e exclusão dos quais elas são vitimadas e como afirmação do lugar de cada uma dentro da sociedade.

3.1 MULHER E MULHER NEGRA: DESCAMINHOS

Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra.

(Paulina Chiziane, 2013a)

Destruir conceitos determinados pela cultura europeizada é uma constante na escritura de Chimamanda Ngozi Adichie e Paulina Chiziane, mulheres negras que violam regras sociais e falam abertamente sobre assuntos “proibidos”, mas que precisam ser urgentemente discutidos.

A imagem da mulher negra na literatura do século XIX foi estereotipada e vinculada à prática da prostituição. De acordo com Telega-Soares (2014), dois elementos iam de mãos dadas com o discurso médico e literário da época, a prostituição e a cor da pele. Sem mencionar que a mulher negra era associada aos órgãos sexuais anormais, sexualidade devoradora, perigosa e ilícita. Este discurso preconceituoso e carregado de estereótipos tem sua origem no período da colonização quando as mulheres negras eram submetidas as mais humilhantes situações.

Temas que envolviam o feminismo africano foram sempre considerados secundários ou inexistentes nos campos de discussões que abordavam sempre o colonialismo ou imperialismo. Neste cenário, Maria W. Stewart, intelectual negra, reconheceu a necessidade de a mulher negra rejeitar todas as formas de estereotipia à sua volta (TELEGA-SOARES, 2014). Nos argumentos de Stewart, as mulheres negras sofrem uma tripla opressão, uma delas a opressão de gênero, a outra é a de classe e a terceira a de raça. Não bastando identificar as origens da opressão, Stewart incentiva as suas irmãs negras a buscarem autodefinição, reclamando seus direitos e privilégios, e procurando o empoderamento através da educação. Para esta intelectual: “O conhecimento permitia o acesso ao poder – o poder de dar rumo à sua própria vida. O conhecimento era o poder em si próprio” (TELEGA-SOARES, 2014, p. 16).

Nesse sentido, Desiree Lewis (2001, p. 7 *apud* SILVA, 2014, p. 7) chama a atenção para que as escritoras africanas tomem para si o seu discurso, com um propósito que venha ao encontro das causas feministas, como uma maneira de conscientização e luta das mulheres: “African women writers who deal with everyday lived experience disentangle the daily struggles around which African feminism needs to be articulated”²³.

Considerando a posição de Spivak, (2010, p. 66-67), no contexto colonial, em que o sujeito não tem história e não pode falar, a mulher sofre uma dupla colonização e, por isso, está presa profundamente na obscuridade. Contudo, a Segunda Onda Feminista²⁴ tem transformado esse cenário trazendo para a literatura pós-colonial escritoras que têm história e, que, portanto, podem falar transformando a imagem da mulher negra antes subjugada, em protagonista da sua própria história. Chiziane compreende o que isso significa para si mesma e para as outras mulheres africanas:

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória [sic.] do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo [sic.] para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam (CHIZIANE *apud* CHABAL, 1994, p. 298 *apud* COSTA, s/d).

²³As escritoras africanas que lidam com a experiência vivida todos os dias desenredam as lutas diárias em torno das quais o feminismo africano precisa ser articulado (Tradução nossa).

²⁴Na segunda metade do século 20, houve um acesso educacional maciço por parte das mulheres, o surgimento da Segunda Onda Feminista, e, mais tarde, o envolvimento mais enérgico do feminismo negro e terceiro-mundista, especialmente nas ex-colônias europeias [sic.] e a introdução de estudos femininos em praticamente todas as instituições de ensino superior e a publicação maciça de obras de autoria feminina (BONNICI, 2006, p. 16).

As escrituras de Chimamanda Adichie e Chiziane contemplam a mulher negra, pois abordam temáticas que as inclui, fazendo-as enxergar dentro de si mesma sua verdadeira identidade em um processo de autoquestionamento, o que determinará a mudança de pensamento, de não aceitação dos conceitos que chegam de fora e das estranhas e incabíveis imagens que refletem uma única história, contada por quem desconhece essas realidades. Sobre isso, Chimamanda Adichie esclarece, na sua já mencionada palestra *O perigo de uma história única (online)*:

Eu acho que essa única história da África vem da literatura ocidental. Então, aqui temos uma citação de um mercador londrino chamado John Locke, que navegou até o oeste da África em 1561 e manteve um fascinante relato de sua viagem. Após referir-se aos negros africanos como “bestas que não tem casas”, ele escreve: “Eles também são pessoas sem cabeças, que “têm sua boca e olhos em seus seios”. Eu rio toda vez que leio isso, e deve-se admirar a imaginação de John Locke. Mas o que é importante sobre sua escrita é que ela representa o início de uma tradição de contar histórias africanas no Ocidente. Uma tradição da África sub-saariana como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do maravilhoso poeta, Rudyard Kipling, são “metade demônio, metade criança”.

No intuito de destruir preconceitos e de desmistificar uma história contada pelo colonizador, as mulheres lutam para conquistar seu espaço nos palcos literários, e assim reescreverem suas histórias reafirmando seu lugar de igualdade junto aos homens na sociedade e também na literatura.

3.2 A ESCRITA DE GÊNERO E SEUS IMPASSES: PERCORRENDO HISTÓRIAS E TERRITÓRIOS

[...] somos mutantes, mulheres em transição. Como nós, não houve outras antes. E as que vierem depois serão diferentes. Tivemos a coragem de começar um processo de mudança. E porque ainda está em curso, estamos tendo que ter a coragem de pagar por ele. [...] Saímos de um estado que embora insatisfatório, embora esmagador, estava estruturado sobre certezas. Isso foi ontem. Até então ninguém duvidava do seu papel. Nem homens, nem muito menos mulheres. [...] Mas essa certeza nós a quebramos para poder sair do cercado.

(COLASANTI, 1981 *apud* COELHO, 1993, p. 14)

Esse é um tempo em que a mulher escritora não mais necessita assinar como “Anônimo” suas narrativas, fato que Virginia Woolf (1928, p. 62) havia abordado no século passado: “eu me arriscaria a supor que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas

vezes uma mulher”. Neste contexto vivido por Woolf, no qual a educação era privilégio dos homens, um grupo reduzido de mulheres ainda conseguiram, mesmo transgredindo regras sociais, ter acesso à educação e foram estas que começaram a registrar, seja em seus diários pessoais ou textos anônimos, àquilo que discretamente desejava: transformar seus escritos em voz de insurgência.

No cenário africano, anterior a colonização, as mulheres eram ligadas à arte e à literatura, sendo responsáveis pela contação de histórias e pela transmissão dos valores aos mais jovens, após a dominação europeia, os homens receberam instrução do império e passaram a desempenhar o papel antes destinado as mulheres²⁵, restando-lhes a invisibilidade e o apagamento.

No processo de luta contra o domínio colonialista, os homens continuaram dominando a cena literária o que contribuiu para o estabelecimento do cânone que os privilegiava. Segundo Catarina Martins (2011, *apud* TELEGA-SOARES, 2014, p. 49):

[...] o facto [sic.] de as mulheres terem sido excluídas e subalternizadas no domínio literário prende-se com a luta anticolonial e anti-imperialista. A dimensão da literatura africana está fortemente ligada às questões políticas, coloniais, da luta contra o colonizador e pós-colonialismo. Costumava-se argumentar que foram estes temas que dominaram a produção literária africana e que contribuíram para o estabelecimento do “cânone” literário masculino.

De acordo com Telega-Soares, o livro *The Empire Writes Back* (1989), de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin, analisa a literatura africana e cita apenas três nomes de escritoras dentre o número extravagante de escritores homens. Ainda segundo Telega-Soares (2014, p. 50), “as mulheres africanas, enquanto escritoras, não só foram ignoradas nos trabalhos dedicados à literatura africana, mas a sua voz, quando falaram, foi silenciada”.

As escritoras africanas chegaram na cena literária tardiamente devido à educação que privilegia homens, as limitadas leis tradicionais autóctones e os costumes impostos pela colonização que as impediu de desenvolver suas capacidades literárias (TELEGA-SOARES, 2014, p. 50). Apesar dos inúmeros desafios, algumas mulheres africanas publicaram seus textos a partir dos anos 60 do século XX, nomes como Flora Nwapa, Buchi Emecheta, Ama Ata Aidoo, etc. Buchi Emecheta²⁶, por exemplo, encaixa-se dentro do grupo de escritoras africanas,

²⁵“Antes do colonialismo, a arte e a literatura eram femininas. Cabia às mulheres contar as histórias e, assim, socializar as crianças. Com o sistema colonial e o emprego do sistema de educação imperial, os homens passam a aprender a escrever e a contar as histórias. Por isso mesmo em Moçambique, há poucas mulheres escritoras”. (CHIZIANE, 2013b, p. 358-359, entrevista concedida a Alex Rodrigues).

²⁶Buchi Emecheta, escritora afro-inglesa, nasceu a 21 de julho de 1944 em Lagos. Os seus pais eram Alice Okwuekwu Emecheta e Jeremy Nwabudinke, da tribo Ibo, da parte oriental da Nigéria. Buchi só veio a iniciar a sua instrução numa escola missionária para raparigas. Muito cedo, viu-se privada do seu pai, que morreu quando

por ser possuidora de uma escrita voltada para autoafirmação feminina e de resistência contra as formas de discriminações e exclusão social. Ao denominar-se feminista com f minúsculo, Emecheta afirma seu compromisso em escrever sobre as vivências e fragilidades femininas. Essa escritora sentiu o impacto da cultura patriarcalista na sua vida em dois momentos, quando ainda morava com sua família, e foi impedida de frequentar a escola, e quando casada teve que enfrentar a violência do marido, encontrando escape nos seus escritos e retirando deles forças para libertar-se deste cercado que a aprisionava. Nesse sentido, a literatura possibilita às mulheres desvencilhar-se da posição de subalternidade para alcançar o lugar de igualdade junto aos homens na sociedade. A personagem central do romance *Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Adichie é apresentada como uma mulher que mesmo vivendo em um meio social majoritariamente patriarcalista não se submeteu a nenhuma forma de dominação, ao contrário, durante toda a narrativa se mostrou forte e dona de seu próprio destino. Observa-se no trecho:

“Quer dizer que está indo para Nsukka para se casar com Odenigbo, irmã?, perguntou Arize.

“Casar, propriamente não. Eu só quero ficar perto dele, e também quero dar aulas”.

Os olhos de Arize eram de espanto e de admiração. “Só mulheres que têm todo esse estudo feito você podem dizer uma coisa dessas, irmã. Se as pessoas como eu, que não tem estudo, esperarem muito mais, vamos todos acabar extintos” [...]. “Eu quero um marido hoje, amanhã e sempre, e como quero! Minhas colegas todas já me deixaram e foram para casa dos maridos”.

“Você ainda é jovem disse Olanna. “Devia se concentrar nas suas aulas de costura, por enquanto” (MSA, 2008, p. 54).

Neste fragmento, a narrativa apresenta dois posicionamentos indispensáveis para o interlocutor compreender a personalidade dessa protagonista além de serem ferramentais discursivas utilizadas pela escritora para desmistificar conceitos misóginos sobre o papel da mulher na sociedade africana. Primeiramente, a prima de Olanna Arize compreende que sem

ela tinha apenas nove anos, o que veio a complicar a sua vida na comunidade e também o seu futuro imediato na escola. Frequentou depois o ensino secundário e mais tarde recebeu uma bolsa de estudos para frequentar a escola missionária secundária para meninas. Foi aí que continuou os seus estudos até se casar com Sylvester Onwordi, um estudante com o qual estava comprometida, desde os onze anos. Na altura do casamento tinha apenas dezesseis anos. Em 1960, no ano do casamento, Onwordi foi para Londres a fim de frequentar a universidade, com o intuito de ser contabilista. Só dois anos mais tarde, Buchi se juntou a ele. Num casamento agitado, cheio de pontos altos e baixos, Emecheta Buchi aguentou-se com a responsabilidade de dar à luz cinco filhos em seis anos. Para manter o seu equilíbrio, Emecheta escrevia no seu tempo livre. Contudo, invejoso e desconfiado da sua actividade [sic.] criativa, o seu marido queimou os seus primeiros manuscritos. Depois de seis anos de vida matrimonial em que sofreu insultos e violência doméstica, e já com vinte e dois anos, Emecheta teve a coragem para deixar o marido e conseguiu sustentar os seus cinco filhos trabalhando como bibliotecária no Museu Britânico. Dedicou-se aos estudos, licenciando-se em sociologia, na Universidade de Londres. Buchi trabalhou em várias áreas como professora, bibliotecária, socióloga, voluntária, jornalista, entre outras atividades (BAMISILE, 2012, p. 146).

estudo a mulher está presa ao destino do casamento, em contrapartida, a protagonista aconselha sua prima da importância de se concentrar nas aulas de costura, que naquele momento era algo que poderia desprendê-la da necessidade do casamento. O estudo é apresentado como uma forma de emancipação feminina, dessa forma, àquelas que não estudam ou não são livres para fazer tal escolha, precisam a todo custo arranjar-se em um casamento ou acabarão sozinhas e difamadas. Segundo, a decisão de Olanna em morar com seu namorado Odenigbo foge completamente dos padrões patriarcalistas da sociedade africana e torna-a desafiadora desse sistema vigente. Arize, por mais que admirasse a segurança e a determinação de Olanna diante da decisão de morar com seu namorado sem casar, estava convicta da escolha que havia feito e não se importava que fosse oposta à de sua prima: “Eu quero um marido hoje, amanhã e sempre, e como quero!” (MSA, 2008, p. 54).

A partir de contextos como os descritos acima, a escrita feminina tornou-se privilegiadora desses discursos, potencializando escritoras, como Chimamanda Adichie, que possuem o poder capaz de reverter a realidade daquelas que sofrem por causa dos entraves da dominação patriarcal. Sobre isso Inocência Mata (2007, p. 421 *apud* SANTOS e MENDES, 2016, p. 65) discorre que:

[...] no contexto de suas sociedades, marcadas por desigualdades institucionalizadas por disposições legais, tradicionais e de mentalidade, as mulheres escritoras constituem um grupo privilegiado tanto em termos de classe e sócio-culturais [sic.] quanto por causa do domínio da escrita, que ainda é um poder em África. Razão por que, de certa maneira, essas mulheres acabam por funcionar como porta-vozes deste segmento da sociedade.

Nesse sentido, escritoras contemporâneas como Adichie e Chiziane esculpem em folhas em branco, histórias, antes esquecidas, de mulheres que aprisionadas em inúmeras correntes falocráticas precisam ser visualizadas dentro de diferentes contextos socioculturais. Duas vozes femininas que surgem como porta-vozes das mulheres negras africanas que, presas a uma cultura misógina provenientes das imposições coloniais, precisam que suas histórias sejam narradas, excluindo do seu enredo imagens estereotipadas outrora construídas pela visão europeia.

3.2.1 Chimamanda Ngozi Adichie: o perigo da história única

Nós normalmente não associamos sabedoria com iniciantes, mas aqui está uma escritora que nasceu com o dom dos contadores de história de

antigamente. Chimamanda Ngozi Adichie sabe o que está em jogo, o que fazer sobre isso. Ela é corajosa ou ela não teria tido a coragem de escrever sobre os horrores intimidantes da guerra civil da Nigéria. Adichie veio quase totalmente pronta²⁷.

(Chinua Achebe, 2007)

Considerada pelos críticos como uma escritora nigeriana, feminista, negra ou até afro-americana, Chimamanda Ngozi Adichie desconsidera esta rotulação afirmando que estas generalizações são bastante redutoras porque deixam de fora muitos aspectos que são relevantes na própria identidade de pessoas. A escritora se sente igualmente *Ibo*, nigeriana, africana e todas estas identidades enriquecem sua maneira de ver/ler o mundo. Vai ainda mais longe ao declarar que é a soma de todas estas identidades e mais outras (ADICHIE, 2008 *apud* TELEGA-SOARES, 2014, p. 51). Esse posicionamento de Adichie evidencia-se na sua obra *Meio Sol Amarelo* (2008), através dos discursos proferidos, informalmente, pelos professores universitários que frequentavam a casa do namorado da protagonista. Discursos tão carregados de cargas ideológicas que a própria Olanna caracterizou esse espaço de reuniões como uma ‘agremiação política nos finais de tarde’. Nesse sentido, termos como pan-africanismo e descolonização são apresentados através das vozes desses personagens:

“Nós devíamos organizar uma grande reação pan-africana ao que está acontecendo no Sul dos Estados Unidos...” disse o professor Ezeka.
O patrão cortou-o na hora. “Você bem sabe que o pan-africanismo é fundamentalmente um conceito europeu.”
“Você está tergiversando”, retrucou o professor Ezeka, balançando a cabeça com a superioridade de sempre.
“Talvez seja uma noção européia [sic.]”, disse a srta. Adebayo, “mas, de uma perspectiva global, somos todos uma única nação”.
“Que perspectiva global? ”, perguntou o patrão. “A perspectiva global do homem branco! Será que você não percebe que nós não somos todos iguais, exceto na visão de quem é branco? (MSA, 2008, p. 30).

Esse dado vem retratado na obra de Adichie como uma inquietação de sua escrita, escrita essa utilizada como porta-voz dos sujeitos invisíveis, mas que ganham destaque na narrativa dessa escritora como é o caso do personagem Ugwu, que tem sua história narrada já no início do romance, um aldeão que vai morar na casa do professor Odenigbo para trabalhar como empregado doméstico. Depois de mergulhar no mundo acadêmico de seus patrões, ouvindo

²⁷Trata-se de uma citação muito replicada de Achebe sobre Adichie que foi publicada como nota na contracapa da edição de 2007 da Harper Perennial de *Half of a yellow sun*. “We do not usually associate wisdom with beginners, but here is a new writer endowed with the gift of ancient storytellers. Chimamanda Ngozi Adichie knows what is at stake, and what to do about it. She is fearless, or she would not have taken on the intimidating horror of Nigeria’s civil war. Adichie came almost fully made” (NUNES, 2016, p. 131).

discussões com teor sempre político e ideológico, além de em seguida vivenciar os horrores da Guerra de Biafra, Ugwu teve sua identidade transformada. De um empregado doméstico, tornou-se durante os conflitos bélicos, o professor das crianças da aldeia onde estavam vivendo durante a guerra. No instante em que sua patroa Olanna descobriu que a última escola que restou na região de Umuahia foi transformada em campo de refugiados, resolveu transformar o quintal da sua casa ‘temporária’ em uma sala de aula para as crianças. Foi nesse episódio que Olanna convidou Ugwu para juntar-se a ela na realização desse propósito, conforme o trecho:

Havia tanta gente fugindo, cansada e sem teto que, que Ugwu não ficou nem um pouco surpreso quando, uma tarde, Olanna chegou em casa e disse que o Grupo Escolar de Akwakuma iria ser transformado num campo de refugiados. “Eles já trouxeram camas de bambu e utensílios de cozinha. E o novo diretor de Mobilização deve vir na semana que vem.” Ela parecia cansada. Abriu uma panela no fogão e olhou para as fatias de mandioca cozida. “E as crianças, *mah?* ” “Perguntei à diretora se elas poderiam ser transferidas, mas ela olhou para mim e riu. Nós somos a última escola que resta. Todas as outras de Umuahia já se tornaram acampamentos de refugiados ou campo de treinamento. ” Olanna tampou a panela. “Vou organizar umas aulas aqui no quintal. ” “Com a professora Muokelu? ” “Exato, e com você também, Ugwu. Você vai ensinar uma das classes. ” “Claro, *mah.* ” A idéia [sic.] o deixava emocionado e lisonjeado (MSA, 2008, p. 333-334).

Das experiências traumáticas vivenciadas na guerra, Ugwu transformou em um livro, cujo título é: “O Mundo Estava Calado Quando Nós Morremos”, servindo, desse modo, para protagonizar os sujeitos esquecidos pela sociedade durante os conflitos bélicos, sendo ele próprio um dos personagens centrais dessa história. Com isso, Adichie apresenta, na sua narrativa, histórias de sujeitos que contribuíram para a construção da historiografia africana através da visão de sujeitos marginalizados pela sociedade.

Fazendo do ato de escrever a arte de contar histórias, a escritora narra histórias de sujeitos próximos que, de alguma maneira, revelaram nas suas vivências uma situação inédita ou corriqueira que aos olhos da autora possui relevância e merece ser contada. Nas palavras da escritora: “Sou uma contadora de histórias. Me interessa a tessitura da vida, não as teorias, porque a teoria achata as pessoas, as torna planas. Por isso não leio sobre teoria de gênero, leio histórias sobre as pessoas”²⁸.

E por considerar importantíssimas as histórias dos sujeitos é que Adichie resolveu combater a história única, termo que referencia a construção de estereótipos de pessoas e

²⁸(ADICHIE, 2017, entrevista concedida a Cláudia Salazar para a Revista *online El País*).

lugares no processo de construção cultural e distorção de identidades. Na sua palestra *O perigo da história única* ocorrida no evento (*Technology, Entertainment and Design-TED*), posteriormente disponibilizado em vídeo no site *Youtube*, Adichie apresenta a importância de não aceitação da única forma de se contar uma história e de aceitar como verdadeiras as primeiras informações que recebe, mas aborda a possibilidade de desconstruir estereótipos imbricados na cultura africana por uma visão europeizada. De acordo com a escritora nigeriana: “o problema com estereótipos não é que eles estejam errados; a característica é exatamente que eles são incompletos” – ‘they make one history become the only story’²⁹ –, superficializam a experiência e negligenciam todas as outras narrativas que formam um lugar ou uma pessoa” (ALVES, ALVES, *online*). E, a partir dessa perspectiva, a história única de mulheres antes escrita através da visão falocrática, presa ainda ao modelo patriarcalista do europeu colonizador, Adichie, por meio de suas narrativas, pretende desmistificar inúmeras visões estereotipadas da mulher negra africana.

3.2.2 Paulina Chiziane: Eu, mulher...por uma nova visão de mundo³⁰

Como me tornei escritora? É algo que não sei responder. Apenas posso dizer que a escrita escolheu-me, da mesma forma que a natureza me tornou mulher. Posso confirmar que a minha vivência também contribuiu para conduzir-me a este caminho.

(Paulina Chiziane, 2013a)

Desafiar é uma constante nas obras de Paulina Chiziane, primeiro por ser considerada a primeira mulher a escrever um romance em Moçambique, segundo por abordar em sua escrita temáticas voltadas para o universo feminino e para as tradições moçambicanas. As narrativas dessa escritora têm Moçambique como cenário principal, apresentando realidades sociais vistos por uma contadora de histórias, histórias da vida:

Eu nunca inventei uma história, nunca. Nunca me dei ao trabalho de imaginar o quê que eu tenho para escrever ou nunca houve um espaço para que eu dissesse não tenho nada para escrever. Eu só digo: lamento. Gostaria de ter mais mãos para poder escrever, porque as histórias são tantas! Cada mulher, cada pessoa que passa é uma história (CHIZIANE, 2016, *online*).

²⁹Do inglês, “eles transformam uma história na única história” (ALVES, ALVES, *online*).

³⁰Testemunho escrito em 1992 e publicado em meados de 1994, por iniciativa da UNESCO em fase dos preparativos da Conferência Internacional sobre a Mulher, Paz e Desenvolvimento, realizada em Pequim em 1995.

Apesar de abordar em sua escrita temas polêmicos de cunho sociais e moralistas, o foco principal de Chiziane é apresentar a mulher como símbolo de resistência. Sobre isso, Laura Cavalcanti Padilha comenta no prefácio do livro *Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique* (2013):

Paulina mostra, por um lado, como elas foram e/ou ainda são cerceadas por leis tradicionais autóctones e, de outro, as limitações, igualmente impostas pelos usos e costumes transplantados pela colonização branco-europeia. A postura ética da ficcionista a leva a denunciar a dupla forma de exclusão e a necessidade de se reverter a ordem patriarcal dominante.

Foi observando a sua trajetória como mulher e as das outras mulheres ao seu redor que Chiziane resolveu dar o seu grito de insurgência contra as opressões sofridas por elas. “Percorri a trajetória [sic.] do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta” (CHIZIANE, 2013a, p. 202). Este grito se deu através da escrita, meio encontrado pela escritora moçambicana para desabafar tudo aquilo que considera nociva à sua existência e a de outras mulheres que presas aos mesmos grilhões patriarcais necessitam de uma voz que as representem. No que concerne ao romance *Ventos do Apocalipse*, o desabafo que muitas africanas precisam fazer diante do sofrimento imposto pelo patriarcalismo, acontece por meio da protagonista Minosse. Em um momento de reflexão e redefinindo caminhos, a protagonista lamenta as humilhantes situações que vivenciava casada com o régulo Sianga:

O meu sexo foi apenas uma latrina em que Sianga mijava quando a gana vinha. Nos momentos de mágoa ainda me ajoelhei pedindo a Deus a paz que não vi. E chorei diante do meu homem, por mim, por ele, para ele, embora sabendo que as lágrimas que deitava eram para ele iguais à urina que despejava quando a bexiga sofria a pressão do líquido depois de um serão de cerveja e sura. Levei uma vida madrasta e uma carreira brilhante na área do sofrimento (VA, 2010, p. 154).

Rememorando situações do seu passado, a escritora comenta que os lamentos de sua mãe e das mulheres através das cantigas no rio durante o labor diário não eram suficientes para libertá-la da opressão e “projectar [sic.] a beleza do mundo que sonhava construir” (CHIZIANE, 2013a, p. 202). Por isso, começou a escrever suas reflexões, as quais começaram de simples e inocentes frases, até se tornarem romances sólidos e inspirados, portanto, na condição social da mulher moçambicana. Inspirações que sobreviveram ao ambiente beligerante no qual o temor maior não eram os estrondos das bombas, e sim as interrupções e o impedimento de escrever.

Em meio a tantos empecilhos ao ofício de escrever, Chiziane fez o seguinte questionamento a si mesma:

Depois de todas estas actividades [sic.], há uma interrogação que paira na minha mente: será que escrevendo cada dia mais livros, estou a contribuir para o desenvolvimento da mulher e da sociedade? Às vezes penso que não. Às vezes penso que sim. Porque em primeiro lugar, escrevendo realizo a minha ambição, o meu ego. Sinto que escrever livro não é tudo quanto basta. Sinto que a maior contribuição virá no dia em que conseguir lançar, na terra fértil, a semente da coragem e da vontade de vencer nos corações das mulheres que pertencem à geração do sofrimento. A minha maior realização virá no momento em que a planta brotar, no momento de vê-la crescer. Mesmo antes de vê-la florir, poderei já retirar-me da luta, repousar na sombra mais próxima, em paz e tranquilidade (CHIZIANE, 2013a, p. 205).

A partir da concepção de Lúcia Helena Vianna (2003) de que o pessoal é político, pode-se afirmar nesse sentido que Chiziane através de seus escritos manifesta uma consciência feminista que é sem dúvida de natureza política, pois como pontua a pesquisadora:

Consciência com relação aos mecanismos culturais de unificação, de estereotipia e exclusão. E ainda, a consciência sobre a necessidade de participar conjuntamente com as demais formas de gênero (classe, sexo, raça) dos processos de construção de uma nova ordem que inclua a todos os diferentes, sem exclusões. Poética feminista, é poética empenhada, é discurso interessado. É política (VIANNA, 2003, *online*).

Porquanto, o discurso político de Paulina Chiziane invalida a história na qual a mulher africana é apresentada sempre na posição subordinada e à mercê de uma organização patriarcal que a priva “de sua própria História e das histórias que modelizam sua própria experiência” (GUERRA, 1995, p. 26-27 *apud* PADILHA, 2004, p. 255). Nesse sentido, suas narrativas centram-se nas vivências femininas através da apresentação de mulheres protagonistas que fogem aos padrões culturais estabelecidos, os quais as apresentam sempre dependentes e submissas à figura masculina.

4 DESENHOS DE UMA ÁFRICA FEMININA: O QUE DIZEM ESSAS VOZES

NEGRA

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundos
 quiseram cantar teus encantos
 para eles só de mistérios profundos,
 de delírios e feitiçarias ...
 Teus encantos profundos de África.
 Mas não puderam.
 Em seus formais e rendilhados cantos,
 ausentes de emoção e sinceridade,
 quedaste-te longínqua, inatingível,
 virgem de contactos mais fundos.
 E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
 jarra etrusca, exotismo tropical,
 demência, atracção, crueldade,
 animalidade, magia...
 e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.
 Em seus formais cantos rendilhados
 foste tudo, negra...
 menos tu.
 E ainda bem.
 Ainda bem que nos deixaram a nós,
 Do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma, sofrimento,
 A glória única e sentida de te cantar
 com emoção verdadeira e radical,
 a glória comovida de cantar, toda amassada,
 moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE
 (Noêmia de Souza, 2014)

A voz de insurgência das mulheres africanas na luta de independência de seus países, continua incessante, uma voz que ecoa gritos de liberdade mesmo que o colonialismo europeu seja um episódio do passado, porém sua forma de subjugação ainda persiste na mentalidade dos africanos. Nesse sentido, a voz da mulher africana permanece ecoando uma canção de resistência como é apresentada no poema de Noêmia de Souza, na epígrafe que abre este capítulo. A mulher negra que através dessa poeta grita por uma identidade forjada, “foste tudo, /negra.../ menos tu”. Este poema mostra a unidade entre essas vozes femininas, como pode ser verificada nos versos: “Ainda bem que nos deixaram a nós, /Do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma, sofrimento”. Apesar dessa unidade, selada em meio às situações mais terríveis, cada mulher negra africana possui uma identidade, construída através das histórias de seus antepassados, de suas próprias vivências, e que serão responsáveis pela formação da identidade das gerações futuras. Kwame Anthony Appiah (1997) afirma que a identidade humana é construída, é história. Segundo o filósofo anglo-ganês, “Histórias inventadas, biológicas

inventadas e afinidades culturais inventadas vêm junto com toda identidade” (APPIAH, 1997, p. 243).

Desta forma, as narrativas dos romances *Ventos do Apocalipse* (2010), de Paulina Chiziane e *Meio Sol Amarelo* (2008), de Chimamanda Ngozi Adichie apresentam mulheres possuidoras dos elementos, referidos pelo filósofo Appiah, os quais definirão suas identidades e afirmarão suas trajetórias durante os contextos polêmicos de suas vidas. As duas narrativas abordam histórias de mulheres que tiveram suas identidades transformadas, moldadas devido às inúmeras formas de sofrimentos e privações que sofreram durante as duas guerras civis nos países Moçambique e Nigéria, especificamente.

Nas narrativas dessas contadoras de histórias existem vozes que transgridem regras sociais estabelecidas; vozes que protestam contra formas de violência contra o silêncio imposto as mulheres; vozes utilizadas para confortar corações deprimidos diante das atrocidades presenciadas e vividas durante os conflitos bélicos em seus países.

Em *Ventos do Apocalipse*, as histórias narradas pelas personagens femininas adquirem uma singularidade relevante, pois desloca a mulher das margens silenciadas, posicionando-a no centro da narrativa. Chiziane, fazendo jus as tradições do povo moçambicano, do ritual de contação de histórias em volta da fogueira, centraliza, na narrativa, vozes femininas que narram suas intempéries a partir de diferentes perspectivas. As histórias são iniciadas rememorando a expressão tradicional ‘*karingana wa karingana*³¹’, contudo, o ‘era uma vez’ destas narrativas “não começam com aplausos, mas com suspiros e lágrimas. São tímidas e não ousadas. São tristes e não alegres” (VA, 2010, p. 148). E, dessa forma, a história de Emelina é introduzida. Personagem descrita na narrativa como uma mulher louca, devido às situações dramáticas que vivenciou, abandonada pelo marido um pouco antes da sua aldeia ser atacada. Nesse mesmo episódio, foi aprisionada pelos invasores e levada como cativa com seu primeiro filho no ventre e, dessa maneira, sua história começa a ser revelada para a enfermeira Danila e ganha mais contornos à medida que Emelina abre a boca e narra os sofrimentos mais íntimos do seu ser.

Emelina é dotada de grande beleza, isto está à vista apesar dos andrajos. Era altiva, fogosa e de ambição desmedida. Obrigou que ficassem de joelhos todos os homens que a quiseram desposar, mas só se entregou ao que tinha mais dinheiro e poder. Teve três filhos. Quando ainda amamentava a pequena Vovoti o diabo começou a rondar a sua alma tranquila preparando-se para lhe quebrar definitivamente a paz. Um dia chegou à aldeia um príncipe galopando um cavalo dourado. Tinha o rosto de uma beleza divinal. Tinha um coração nobre. Um carácter nobre. Ia à aldeia cumprir uma missão nobre, tal como os

³¹“Karingana ua Karinagana”: a frase é uma fórmula fixa introdutória do contador de histórias e significa “era uma vez” (LEITE, 2012, p. 103).

seus sonhos que eram também nobres [...]. Afinal não era um homem qualquer, era um líder poderoso e tinha muitos homens reles obedecendo às suas ordens. E tinha dinheiro. E tinha comida aos sacos em quantidade que podiam encher todos os celeiros da aldeia. Encontraram-se. Amaram-se. Voaram no universo do sonho suspensos nas frágeis asas da paixão, mas não alcançavam a felicidade plena. Porque o homem era casado e polígamo. Porque Emelina também era casada e tinha três filhos. Viverem juntos até a separação da morte era o sonho de ambos, mas esta felicidade estava longe de seu alcance (VA, 2010, p. 150).

As trajetórias vivenciadas por Emelina, após seu primeiro cativo, define-a como uma mulher transgressora que, ao contrário dos perfis femininos apresentados pela sociedade, foge completamente dos modelos femininos da cultura vigente. No próprio romance está explícita tal afirmação: “os poetas cantam a mulher como símbolo do amor universal. Porque ela é uma flor que dá prazer e dá calor. Mas há exceções, têm que existir, para confirmar a regra” (VA, 2010, p. 149). Emelina representa a exceção padronizada da mulher socialmente moldada, porque mesmo vivendo em uma sociedade culturalmente misógina, comete o adultério e como se isso não fosse o bastante, trama a morte de seus três filhos no intuito de destruir tudo que, de certa forma, impedia sua entrega total ao amante. Sendo identificada pelos aldeões como desvairada, subverte a imagem feminina socialmente firmada de mulher-mãe em predominância da mulher-sujeito que, segundo Pereira (2012, p. 88), sua principal característica é: “‘seu modo de estar no mundo’, ou seja, sua subjetividade, que as fazem saltar aos olhos do leitor como sujeitos ativos, vivendo um processo contínuo da definição de si mesmas e do meio que as cerca”. Através de uma narrativa carregada de tristeza e rancor, a história de Emelina representa a história de mulheres-sujeitos que transgredem padrões culturalmente estabelecidos apenas para sentirem inteiramente que ‘estão no mundo’ e, portanto, precisam transcorrer livremente por onde desejarem.

No romance, *Meio Sol Amarelo*, Chimamanda Adichie, a voz feminina que ressoa na narrativa para confortar corações dilacerados pelas atrocidades da guerra é a voz da personagem Kainene, irmã gêmea da protagonista Olanna, uma mulher ativa e confiante que modificará sua trajetória de vida em prol dos vitimados pela guerra:

Kainene olhou o chefe Okonji bem nos olhos com aquela sua expressão neutra, tão vazia que era quase um ato de hostilidade. “E quanto a mim, é o que eu me pergunto.” Ergueu as sobrancelhas. “Eu também vou pôr meu recém-adquirido diploma em uso. Vou me mudar para Port Harcourt para administrar os negócios de papai por lá” (MSA, 2008, p. 43).

Uma personagem apresentada inicialmente como sarcástica, inteligente, indiferente às causas alheias e comprometida apenas com os negócios do pai. Dona de uma personalidade forte, Kainene utilizará suas habilidades administrativas para gerir um centro de refugiados. Antes da deflagração da guerra na Nigéria, Kainene morava na cidade portuária Port Harcourt e administrava as fábricas de seu pai, mesmo com a instabilidade provocada pelos conflitos bélicos entre Nigéria e Biafra, a personagem decidiu continuar na cidade realizando suas atividades administrativas na medida do possível. No entanto, essas atividades foram interrompidas por causa de um bombardeio ocorrido em Port Harcourt. Nesse episódio, Kainene, o namorado americano Richard, juntamente com os empregados Harrison e Ikejide tiveram que abandonar a casa, rapidamente, após o início dos ataques aéreos. No momento em que eles tentavam se esconder das bombas no pomar, presenciaram a morte horrível desse último, vítima de um estilhaço que decepou sua cabeça. Conforme o trecho abaixo:

Lá fora, o ar estava úmido, Richard olhou para cima e viu dois aviões voando bem baixo, com uma eficiência agourentamente aerodinâmica de formas, deixando um rastro de linhas prateadas no céu. O medo espalhou incapacidade por todo o corpo de Richard. Deitados lado a lado sob as laranjeiras, ele e Kainene esperaram calados. Harrison e Ikejide tinham saído correndo de casa; Harisson atirou-se no chão, de barriga, enquanto Ikejide continuou correndo, o corpo meio arqueado para a frente, os braços balançando, a cabeça oscilando. Então veio o assobio frio de um morteiro cruzando os ares, os estrondos da aterrissagem e o barulho da explosão. Richard apertou Kainene contra si. Um estilhaço tamanho de um punho fechado passou raspando. Ikejide ainda estava correndo e, enquanto Richard desviava o olhar um instante, a cabeça de Ikejide desapareceu. O corpo ainda corria, arqueado de leve para frente, mas não havia cabeça. Havia apenas um pescoço ensangüentado [sic.] (MSA, 2008, p. 368-369).

Depois deste episódio, Kainene, Richard e o único empregado Harrison, tiveram que abandonar a casa em Port Harcourt e mudarem para outra, em Orlu, a qual havia sido comprada especificamente para um momento como esse. De um indivíduo comprometido apenas com seus negócios financeiros, Kainene passou a preocupar-se com os refugiados que sobreviviam em um campo próximo a sua nova casa. Nesse sentido, utilizando das suas habilidades com transações comerciais, de administradora de empresas, Kainene foi transformada rapidamente em uma gerenciadora do campo de refugiados, responsabilizando-se em conseguir alimentos, medicamentos, consultas médicas e o que tivesse ao seu alcance para ajudar as pessoas que naquele local sofriam as agruras da guerra.

Uma caminhonete entregou sacos de garri e Kainene disse a Harrison para não pôr a mão em nada, porque eram do campo de refugiados. Ela era a nova fornecedora de comida.

“Vou eu mesma distribuir a comida aos refugiados, e pedir ao Centro de Pesquisa Agrícola um pouco de bosta”, disse ela a Richard.

“Bosta?”

“Esterco. Podemos começar a plantar no campo. Podemos fazer nossa própria proteína, feijão de soja, *akidi*.”

“Ah”.

“Tem um homem de Enugu com um talento fantástico para fabricar cestos e luminárias de palha. Vou pedir para que ensine aos outros. Podemos até lucrar com isso. E vou pedir a Cruz Vermelha que nos mande médico toda semana” (MSA, 2008, p. 370-371).

Kainene recebeu a missão de gerenciar o campo de refugiados e à medida que realizava suas atividades diárias ajudando as pessoas naquele espaço, lembrava menos da morte do funcionário Ikejide:

Havia um vigor quase maníaco nela, na forma como saía todos os dias para o campo de refugiados, na exaustão sombreando seus olhos quando voltava para casa, à noite. Kainene não falava mais em Ikejide. Em vez disso, falava sobre vinte pessoas morando no espaço que era para uma só, dos garotos que brincava de guerra, das mulheres que davam de mamar a seus filhos e do altruísmo dos padres da Congregação do Espírito Santo, os padres Marcel e Jude (MSA, 2008, p. 371).

Esse incidente traumático transformou drasticamente a trajetória da protagonista, dona de uma personalidade extremamente indiferente aos sentimentos alheios, Kainene demonstrava no início da narrativa, ser uma mulher impenetrável e inabalável; no entanto, viver a brutalidade da guerra, a fez suplantar essa situação através das incansáveis lutas em favor dos refugiados. O papel social antes desempenhado por ela, de empresária bem-sucedida, cedeu lugar para uma mulher completamente modificada, cujos comportamentos foram condicionados pelos conflitos bélicos para a construção de uma nova identidade. Sobre isso, Concepción Fernández Villanueva (s/d, p. 112), afirma:

A ação dos homens e das mulheres, as identidades sociais dos gêneros, seus comportamentos, até mesmo seus motivos e dificuldades estão também condicionados pelas características dos conflitos bélicos e, em consequência, a guerra transforma-se em laboratório de análise privilegiado, com base no qual é possível descobrir novas perspectivas das identidades, dos comportamentos, dos motivos de uns e outros.

A construção identitária dessa personagem se relaciona com os percursos históricos dos sujeitos marginalizados descritos na narrativa, flagelados pela guerra e pela fome, e impossibilitados de reagir diante da situação de beligerância. Porquanto, a guerra como ‘laboratório de análise privilegiado’, onde o sujeito envolvido na turbulenta batalha de lutar pela sobrevivência um dia após o outro, precisa descobrir novas perspectivas, moldar comportamentos e encontrar motivos para continuar vivendo em meio ao caos. Desse modo, Kainene é apresentada como a mulher que lutou batalhas contínuas durante os conflitos bélicos em prol de idosos, crianças e mulheres grávidas sem precisar pegar em uma única arma.

4.1 ESPELHOS DE ÁFRICA EM *VENTOS DO APOCALIPSE*

Não há tempo ou lugar para lágrimas. Afinal,
 “a quem ela comove em tempos de guerra?”
 (Paulina Chiziane, 2010)

“Cada dia tem sua história”. É com o registro de uma canção popular changane que Paulina Chiziane narra a trajetória do povo da aldeia de Mananga que, torturado pela fome e pela guerra decidiu abandonar suas terras em busca de melhorias de vida na aldeia do Monte, lugar que segundo os aldeões, todos os seus sofrimentos chegariam ao fim, o paraíso tão sonhado em tempos de guerra:

Mas dizem que a vida é bela do lado de lá. Dizem que o céu é mais azul e as nuvens verdadeiras. Do lado de lá, a floresta é pasto, come-se pão de qualquer bananeira, de qualquer papaeira. Dizem que cada arbusto é fonte, bebe-se seiva de palma, de cana e de caju. Do lado de lá há sorrisos e risos e os cansaços repousam no regaço de terra, dizem.

O povo de Mananga rasga o aro e salta. Rasga o universo do ovo com a coragem do pinto ao vigésimo primeiro dia, a vida é mais verdadeira do lado de lá. Desenham no ar novos caminhos, canoa no mar da tempestade seguindo rotas planeadas pelos caprichos de vento.

O sol está no meio do céu e os aldeões já estão prontos para a partida. [...]

[...]. Partem. Os que vão têm o espírito leve para partir, não perderam nada nem ninguém. O desgosto que os abate é desgosto alheio porque não sentiram bem a fundo o abalo da morte.

A partida tem sabor a areia solta, a sede, a poeira seca, o Sol é demasiado forte e o calor destila [...] (VA, 2010, p.147).

O processo migratório vivenciado pelos personagens ocasionou em cada um, diferentes visões existenciais devido às situações desumanas ocorridas em um cenário de guerra, através do qual a narradora chega à seguinte conclusão: “Nesta coisa de morrer, cada um despede-se da vida conforme as marcas do seu destino” (VA, 2010, p. 98). Diante das atrocidades vivenciadas durante as beligerâncias, cada personagem carrega uma marca, que modificará suas percepções de mundo e refletirá na definição identitária de cada um.

A jovem que acabou dando à luz em pleno bombardeio e na presença de todos os companheiros de fuga, lutou com todas suas forças para livrar-se da agoniada dor do parto juntamente com o medo insuportável da morte. Depois do filho já em seus braços, a jovem mãe entristece em lembrar das crianças que morreram na guerra e teme por seu filho:

O menino terá o nome de seu pai que enlouqueceu na hora de seu nascimento. Será bom e valente como ele. Viverá? As crianças que morreram na maldita guerra não eram diferentes desta e talvez até fossem melhores que ela (VA, 2010, p. 97).

Para Bezerra e Souza (2014, p. 86), a cena descrita acima, é uma realidade diferenciada, “filtrada pelo olhar feminino, donde não escapam detalhes como a condição da mulher, das crianças, dos doentes e dos velhos abandonados na terra devastada pela guerra, tendo que fugir sem socorrer seus doentes e sem enterrar seus mortos”, trazida à tona pela emergência da escrita feminina.

Na sequência da narrativa, a narradora volta sua atenção para as crianças que assistiram ao parto da jovem mãe no ambiente apavorante e por esse motivo seus destinos são sentenciados: “as crianças espreitaram o lugar de onde nasceram, crescerão surdas e mudas” (VA, 2010, p. 97), o nascimento de qualquer ser vivo é um acontecimento oculto, mas que a guerra interrompeu esse fluxo natural, transformando a mentalidade dos envolvidos nessa trajetória mórbida. Cenário sumariamente constituído de cenas que apresentam seres humanos completamente vulneráveis às ações destrutivas dos armamentos bélicos e muitas vezes levados a uma condição degradante, os quais são colocados na posição do mais vil dos animais diante do medo da morte. Cita-se o fragmento:

Uma explosão fortíssima rebenta de novo e expele uma boça de fogo que risca no ar uma estrada luminosa e vem abater-se perigosamente contra o tronco de eucalipto que estala, incendiando também a vegetação que o circunda. Ouvem-se gritos. O velho Theni e a filha menor ali se abrigam, mas milagrosamente escapam com vidas. Como ratos em debandada, os fugitivos abandonam os velhos esconderijos e procuram outros mais seguros (VA, 2010, p. 96).

Os aldeões de Mananga fugiam desesperadamente da morte em meio ao completo caos em uma narrativa apocalíptica, na qual Chiziane apresenta uma reflexão sobre os traumas provenientes da guerra de desestabilização em Moçambique. Esta guerra iniciou logo após a independência do país, em 25 de junho de 1975, e terminou com o acordo de paz assinado em Roma, em 1992. A Guerra de desestabilização ou Guerra Civil, ocorrida nesse país, foi caracterizada pelo embate entre as forças oposicionistas anticomunista RENAMO e o regime marxista da FRELIMO. Este último já havia combatido as forças portuguesas na luta pela libertação de Moçambique, e após a independência, tendo atingido, conseqüentemente, o patamar de política soberana no país, foi obrigada a combater a RENAMO, de forças capitalistas fincadas na África do Sul, país que, desde 1948, havia estabelecido o *apartheid*. Dessa forma, os moçambicanos estavam sobrevivendo em uma guerra, na qual dois regimes antagônicos disputavam o poder. De um lado um regime socialista marxista-leninista, que tinha o intuito de libertar a nação dos males causados pela colonização portuguesa, do outro um regime baseado nos ideais imperialistas e segregacionistas do *apartheid*, porém sem o intuito de instituir o regime em Moçambique.

Paulina Chiziane, como militante na luta pela libertação do seu país, além do trabalho como voluntária na Cruz Vermelha durante a guerra, transportou para sua escrita as agruras dos conflitos bélicos, materializando-a “diante do leitor cenas sucessivas em que o horror da guerra surpreende pela crueza, em um esforço de realçar o caráter alienatório da violência” (JORGE, 2013, p. 219). Essa crueza dos horrores da guerra vivenciada pelos personagens se evidencia no fragmento a seguir:

Os homens avançam para o local. Não esperam chamadas nem ordens porque o assunto lhes toca. O morto está ali como quem dorme e atrás de si deixou um rastro de sangue. Seguem-no e investigam o terreno. Um choro moribundo ouve-se perto. Descobrem-no. É uma criança pequenina, três mesitos apenas e está presa nas costas de um cadáver. Recolhem-na assustados, olham uma vez para o cadáver da mãe que tem o pavor bem estampado no rosto. As ervas em volta estão pintadas de sangue vivo, sofreram pisoteio, aqui houve luta (VA, 2010, p. 100).

O cenário da guerra civil, em Moçambique, significou uma série de direitos humanos violados; combates desumanos que ocorriam entre os próprios familiares e que espalhavam horror nas áreas rurais, onde dezenas de pessoas morriam, filhos perdiam os pais e ficavam à mercê do próprio destino. Diante da eminência dos ataques aéreos ou mesmo por terra, o

deslocamento em terreno hostil era inevitável. Nesse sentido, o perigo que torturava os fugitivos da aldeia de Mananga não habitava as matas escuras, o perigo era o homem com armas em punho. E a guerra descrita por Chiziane se configura da seguinte forma:

Guerra de mães, crianças, velhos, doentes. Guerra em que o maior perigo não vem da fera, habitante da selva. A ferocidade do homem com seus pássaros de aço supera em milhares de vezes o aguilhão da fome, o veneno da *mamba*, a perniciosidade das ervas venenosas que dizimam a população presa de vômitos e diarreias incontroláveis (BEZERRA e SOUZA, 2014, p. 91).

Chiziane centraliza na narrativa, o percurso de mulheres, crianças, velhos, sujeitos estes indefesos e duplamente vulneráveis diante da necessidade de fugir dos conflitos bélicos: “Olhou em volta e verificou que, de entre o grupo de fugitivos, não restava um homem válido em termos de forças. Eram velhos, crianças e mulheres grávidas” (VA, 2010, p. 91). A escritora demonstra na atuação de cada personagem, principalmente, das mulheres, a maneira que cada uma delas teve que lidar com as diversas perdas, com a fome, com o cansaço físico e psicológico ocasionado pelo deslocamento a pé, e pela vivência de tantas situações trágicas. A afirmação de Bezerra e Souza (2014, p. 94), sobre isso é contundente:

A narrativa de *Ventos do Apocalipse* traz a descrição da decadência do corpo feminino, faminto e mal coberto de trapos. A rudeza dos tempos vividos devasta os corpos e com eles os mais íntimos sentimentos humanos. A memória emocional do terror, seca, nas mães, além do leite com que alimentavam os filhos, o amor incondicional, que as leva a esconder das famintas crianças as migalhas do alimento dolorosamente vigiado.

A memória emocional do terror precisa ser narrada, os pormenores de cada situação necessitam ser narrados. Para Schmidt (2017, p. 212), narrar uma experiência traumática é um compromisso político de resistência contrária à morte, é para sobreviver à dor insuportável, pois, segundo ela, esse ato impede que o acontecimento traumático reinstaure como violência e volte outra vez abater a vítima. Nesse sentido, os relatos presentes na obra de Chiziane possuem essa finalidade, narrar as experiências da guerra como forma de suportar as reminiscências mais brutais e poder seguir em frente. Através dos relatos de guerra narrados por mulheres angolanas, os quais foram retirados da obra *O livro da paz da mulher angolana*, organizada por Kasembe e Chiziane, evidencia-se o quanto a narrativa de *Ventos do Apocalipse* descreve com objetividade e de forma escatológica os horrores da guerra. Um dos relatos dessas mulheres, torna-se relevante nessa análise:

[...]. Ficávamos muitos dias escondidos nos capins. Quando os movimentos de guerra abrandavam, nós as mães, corríamos para as lavras para conseguir algum alimento. Foi nessas ocasiões que muitas mulheres perdiam a vida, eram raptadas ou pisavam minas. [...]. Aquilo já não era inimigo, era demais, era só matar. Matar tudo sem deixar nada, tudo o que respira mata. Às vezes abria a porta da casa e encontrava pessoas mortas no meu quintal [...] a vida era só fugir mesmo (KASEMBE e CHIZIANE, 2008, p. 60 *apud* SCHMIDT, 2017, p. 213).

Ventos do Apocalipse é um romance narrado por uma contadora de histórias que privilegia os detalhes de cada situação vivenciada pelos personagens, e não distingue acontecimentos grandes ou pequenos, todos são relevantes, quando se “leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história” (BENJAMIN, 1992, p. 158).

Assim, a centralidade de todos os acontecimentos pertence às mulheres, são elas que perdem seus lares, seus filhos, perdem também a dignidade quando o principal é conseguir o alimento para seu rebenito. Mulheres diaspóricas que sonhavam chegar em um lugar de fartura e paz, porém acabaram descobrindo que em tempos de guerra, este lugar não existe.

4.2 A OUTRA METADE DO SOL

Você se calou quando nós morremos?

Você viu as fotos em 68
De crianças com o cabelo ficando ferrugem?
Chumaços doentes aninhados nas cabecinhas,
Caindo feito folha podre na terra poeirada?

Imagine crianças com braços feitos palitos.
A pele estirada, uma bola de futebol na barriga.
É o kwashiorkor – palavrinha difícil,
Mas não feia o bastante, uma pena.

Mas não precisa imaginar. Houve fotos
Expostas nas páginas em papel cuchê
Da sua Life. Você viu? Sentiu um dó rápido
E depois se virou para abraçar mulher ou amante?

A pele deles ficou castanha como chá fraco,
Mostrava uma teia de veias, osso quebradiço;
Crianças nuas brincando, como se o homem não fosse
Fotografá-las e depois partir só, sem rebuliço.
(Chimamanda Adichie, 2008)

A epígrafe acima é uma crítica sobre umas das consequências da Guerra do Biafra (1967-1970), a fome. Esse fragmento retirado do romance *Meio Sol Amarelo* suscita uma reflexão sobre a maneira como a mídia veiculava essa situação tão dramática vivenciada pelas crianças africanas na Nigéria. No conteúdo do fragmento, a crítica explícita é sobre os jornalistas que tinham como intuito apenas fotografar as crianças famintas e partir com as fotos que lhes garantiriam reconhecimento e uma carreira brilhante. E em meio ao completo caos, as crianças padeciam de fome, enquanto suas imagens eram publicadas em revistas, como aconteceu na revista norte-americana *Life*. E depois das imagens vistas, seguia o silêncio, como é descrito em um dos trechos da epígrafe supracitada: “Você viu? Sentiu um dó rápido/E depois se virou para abraçar mulher ou amante?”. A sensibilidade dos observadores foi passageira, mas as dores das perdas humanas e as sequelas, físicas e psicológicas se eternizaram no inconsciente do povo africano.

Diante do exposto, faz-se necessário uma prévia análise sobre os principais fatores que desencadearam essa guerra na Nigéria para, em seguida, compreender a trajetória das protagonistas Olanna e Kainene, nesse contexto, onde a fome se tornou a arma mais infalível para se vencer o conflito.

A Guerra do Biafra, designada também como Guerra Civil Nigeriana, foi um conflito ocorrido no sudoeste do atual território da Nigéria e que durou relativamente pouco tempo, porém teve consequências trágicas para o país³². Este conflito ocasionado por uma rivalidade antiga entre os *igbos*, grupo étnico da região sudeste e os *hausas* da região norte. Estes dois grupos e os *iorubas* do oeste formavam os três grupos mais importantes da Nigéria colonial³³. A rivalidade entre os *igbos* e os *hausas* se intensificou em 1960, após a independência da Nigéria, antes disso, ambos se uniram em prol da liberdade de seu país, mas foram incapazes de continuar unidos em favor da unidade nacional. Antes da independência, ainda vivendo à mercê da coroa britânica, ocorreu um evento que acabou acirrando os ânimos dos *igbos* contra os *hausas*, iniciando o desejo de luta daqueles pela secessão. Este evento foi a promulgação da

³²Biafra foi derrotado em 1970, deixando uma esteira de 2 milhões de mortos, a maioria pela fome, o país em frangalhos e a população na miséria. Alguns artigos escritos por historiadores questionam o sentido da rebelião, quais seriam as alternativas, a viabilidade de tão extensa operação militar, que mergulhou o país em um quadro bem mais traumatizante do que a situação existente na Nigéria antes do conflito (CHAN, 2017, p. 6).

³³Existem na Nigéria, historicamente, mais de 250 etnias - algumas fontes falam em 350 - algumas majoritárias e outras minoritárias. O norte, muçulmano, possui a etnia *hausa-fulani*, a mais numerosa, e mais uma grande quantidade de outras minoritárias. O leste é o reduto principal dos *igbo (ibo)* e o oeste, dos *ioruba*, mas em cada uma dessas regiões de população majoritariamente cristã, são encontradas etnias menores. Cada uma com sua identidade própria e laços familiares. Os britânicos erraram ao colocar em suas constituições, o amálgama de um povo que não é um povo, os nigerianos são várias nações étnicas separadas, vivendo em um mesmo espaço geográfico (BOAHEN E SURET-CANALE, 2010 *apud* CHAN, 2017, p. 11).

constituição da Nigéria em 1947, elaborada pelo governador da época, *Sir Arthur Richards*, o Lord Milverton. Uma constituição que associava todos os povos nigerianos em uma única nação, porém atendia mais aos anseios e reivindicações gerais dos *hausas* (KI-ZERBO 1972 *apud* CHAN, 2017, p. 10-12). Seguiu a isso, uma violência sistemática em um cenário político marcado por eleições fraudulentas e corrompidas, nas quais até agressões físicas ocorriam entre candidatos.

Após as eleições de 1964, na qual a vitória manipulada e fraudada foi dada para os nortistas, ocorreu o primeiro golpe militar, protagonizado por um grupo de oficiais, predominantemente de origem *igbo*, e liderado pelo major Chukwuma Nzeogwu³⁴. O contragolpe ocorreu seis meses depois, realizado pela maioria dos oficiais nortistas e foi caracterizado por manifestações populares, perseguição e execução dos *ibos* que viviam fora da sua região, como é descrito abaixo:

Os soldados não precisaram se encarregar de toda a chacina. Não demorou muito para que a eles se juntassem milhares de civis *hausas*, que se espalharam pela cidade armados de pedras, facões, machados e armas de fabricação doméstica, na base de metal e vidro quebrado. Gritando “Pagãos!” e “Ala!”, os soldados invadiram o *Sabon Garis* (bairro dos estrangeiros), saqueando e queimando as casas e lojas de *ibos*, assinando os proprietários (FORSYTH, 1969, p. 78).

Com a matança sem precedentes desencadeada pelos *hausas*, houve um crescente êxodo dos *ibos* para as terras orientais. Diante dessa situação e do cenário político em dissensão, o líder militar do sudoeste, o coronel Ojukwu, declarou a independência da República de Biafra, fato considerado o estopim para o início da guerra. Em contrapartida, o governo federal nigeriano, liderado pelo coronel Yakubu Gowon iniciou uma sangrenta guerra que terminou com a derrota de Biafra, em 1970.

Fechando esse parêntese, voltando para a análise do romance *Meio Sol Amarelo*, observa-se que Chimamanda Adichie transfere para sua narrativa um contexto beligerante, historicamente construído, apresentando ao leitor duas personagens femininas que vivenciaram os horrores de dois conflitos bélicos e suas vozes foram utilizadas pela escritora para falar o

³⁴Os soldados avançaram à força pelos portões, matando três guardas do Sarduna e perdendo apenas um homem na manobra. Além dos muros, despejaram uma chuva de morteiros sobre o palácio. Depois, Nzeogwu lançou uma granada de mão na porta principal. Chegou perto demais e acabou ferindo a mão. Os soldados entraram no palácio e o Sarduna foi morto a tiros, juntamente com dois ou três criados. Em outra parte de Kaduna outro grupo entrava na casa do General Ademolegun e o matava a tiros, na cama junto com sua esposa. Um terceiro grupo matou o Coronel Shodeinde, o ioruba que era o subcomandante da Academia de Defesa. Com isso, o derramamento de sangue no norte estava terminado (FORSYTH, 1969, p. 37).

indizível da guerra: uma, Olanna, ‘ouro de Deus’; a outra, Kainene, ‘o que Deus reservará para nós?’. Inicialmente, a narrativa apresenta-as como irmãs gêmeas não idênticas, sendo ambas possuidoras de personalidades distintas. A primeira definida como graciosa e dona do corpo carnudo, a revolucionária africanista; a segunda, quase andrógina, inteligente e sarcástica.

Vindas de uma família rica da Nigéria, as duas irmãs tiveram uma educação primorosa, como a maioria dos filhos das famílias abastadas nigerianas, viveram e estudaram, a maior parte do tempo, na Inglaterra. O relacionamento de Olanna e Kainene é descrito na narrativa como sendo distante e conflitoso. Olanna era a filha que obedecia sempre aos pais, enquanto a outra irmã estava sempre disposta a não os agradar.

Só agora, depois de terem voltado da Inglaterra, e vivendo na mesma casa de novo, é que Olanna percebia como tinham se tornado distantes. Kainene sempre fora uma criança retraída, depois uma adolescente enfezada, e muitas vezes desagradável, a filha que, por nunca ter tentado agradar os pais, deixava a tarefa toda para Olanna. Mas tinham sido próximas, apesar dos pesares. Eram amigas. E ela se perguntava quando tudo mudara. Certamente antes de partirem para Inglaterra, porque não tinham nem os mesmos amigos em Londres. Talvez tivesse sido na escola secundária de Heathgrove. Talvez até antes. Não acontecera nada de mais — nenhuma briga monumental, nenhum incidente significativo —, simplesmente foram se distanciando, mas agora era Kainene quem se ancorava firmemente num lugar distante, para que nunca mais os ventos as unissem (MSA, 2008, p. 49).

Depois de adultas, após o retorno da Inglaterra, e vivendo novamente com os pais, as duas irmãs puderam escolher seus próprios caminhos. Olanna decide morar com o namorado em Nsukka e lecionar Sociologia na universidade da mesma cidade. Decisão que contraria a vontade dos pais, os quais preferiam que a filha continuasse sendo o ‘contrato sexual’ nos negócios financeiros da família:

“Por que vocês não vêm todos jantar lá em casa, neste final de semana, o que acham?”, convidou o chefe Okonji. “Ao menos para experimentar a sopa com pimenta do meu cozinheiro. Ele é de Nembe; e sabe o que faz com o peixe fresco.”

Os pais riram com gosto. Olanna não sabia muito bem qual era a graça, mas era uma piada do ministro, de todo modo. [...]

Olanna sentiu uma irritação ligeira, uma sensação de formigamento na pele, “Eu adoraria ir, mas não vou estar aqui neste final de semana.”

“Não vai estar aqui?”, perguntou o pai. Ela se perguntou se a expressão em seus olhos era um apelo desesperado. Perguntou-se também, se por acaso os pais haviam prometido ao chefe Okonji, em troca do contrato, que ele poderia ter um caso com ela [...] (MSA, 2008, p. 43-44).

Kainene, de adolescente enfezada e desobediente, transformou-se em uma mulher empresária, segura nas suas escolhas e comprometida com o trabalho que começava a exercer nas empresas do pai, em Port Harcourt:

Richard espantou-se com a vida ocupada de Kainene. [...] O trabalho estava em primeiro lugar; resolvera fazer as fábricas do pai crescerem, e fazer melhor do que ele tinha feito. À noite, as visitas — gente de empresas negociando contratos, gente do governo negociando suborno, gente de fábricas negociando cargos [...] (MSA, 2008, p. 95).

As irmãs gêmeas, apesar de morarem sob o mesmo teto, viviam praticamente distante uma da outra. Cada uma estava no lugar que escolheu, quando um acontecimento tornou a relação das duas ainda mais dramática. Em uma ocasião inesperada, após o rompimento com o namorado Odenigbo, Olanna acaba se relacionando sexualmente com o namorado inglês da irmã. Depois disso, as irmãs ficaram muito tempo sem nenhuma aproximação, apesar da insistência de Olanna em querer uma reaproximação, Kainene se manteve resistente. As gêmeas distantes uma da outra e a guerra dando sinais sutis de iminência.

A narrativa de Adichie contextualiza de maneira fidedigna os dois golpes militares seguidos, até o momento em que o General Ojukwu proclamou a independência da Nigéria Oriental, com o título de República de Biafra. Pode-se compreender o acontecimento através do fragmento que descreve o pronunciamento do General Ojukwu através de uma transmissão de rádio:

Meus conterrâneos e conterrâneas, vocês, o povo da Nigéria Oriental: Conscientes da suprema autoridade de Deus Todo-Poderoso sobre toda a humanidade; do dever que têm para com a posteridade; cientes de que qualquer governo sediado fora da Nigéria Oriental não poderá mais proteger suas vidas e propriedades; decididos a dissolver todos os laços, políticos e de outra natureza, entre vocês e a ex-República da Nigéria; e tendo me autorizado a proclamar em seu nome a Nigéria Oriental como república soberana e independente, eu assim faço e proclamo solenemente que o território e a região conhecidos e chamados de Nigéria Oriental, juntamente com sua plataforma continental e suas águas territoriais, sejam consideradas daqui para a frente como um Estado soberano independente, com nome de República de Biafra (MSA, 2008, p. 192).

Nessa mesma passagem do romance, os personagens Olanna, Odenigbo, Ugwu e a pequena Baby comemoram a autoprocamação de Biafra como um estado independente, naquele momento parecia que a secessão era algo que precisava ser conquistado, era necessário depois de tantos *ibos* mortos injustamente. No excerto a seguir, Odenigbo discursa durante um

comício, no centro do campus, para comemorar o nascimento de Biafra, sendo perceptível a consternação do personagem diante das violências sofridas pelo povo *ibo*:

Odenigbo subiu ao pódio agitando sua bandeira de Biafra: faixas vermelhas, negras e verdes e, no centro, um meio sol amarelo brilhante.
 “Biafra nasceu! Nós vamos liderar a África Negra! Vivemos em segurança! Nunca mais alguém vai nos atacar! Nunca mais!” (MSA, 2008, p. 194).

A partir desse evento, um meio sol amarelo, símbolo biafrense, será o guia de sustentação para que os personagens percorram suas trajetórias em um contexto bélico, no qual precisam a todo custo provar o quanto são fortes.

Após a deflagração da guerra, fato que ocorreu logo depois da autoproclamação da independência de Biafra, as personagens percorrem longas trajetórias em busca de proteção e de meios de subsistência em ambientes impróprios e de carência extrema. É o que acontece com as personagens Olanna e Kainene. A primeira, afugentada com as bombas que caíram em Nsukka percorreu juntamente com o marido Odenigbo, Ugwu, o empregado e a filha Baby, três lugares diferentes até se encontrar com a irmã. Kainene, ao contrário de Olanna, não percorreu muitos lugares. Após o ataque em Port Harcourt ela, juntamente com o namorado Richard e o empregado Harrison, mudou-se para uma casa antecipadamente preparada para esse fim.

O reencontro das irmãs, depois de um longo período distante, marcará um momento significativo do romance, pois elas já haviam passado por uma série de situações difíceis, mas precisam se manter unidas até o término da guerra.

Kainene apareceu no meio de uma tarde quente. Olanna estava na cozinha, pondo algumas mandiocas secas de molho, quando Mama Oji chamou: “Tem uma mulher no carro perguntando por você!”.
 Olanna saiu apressada da cozinha e parou ao ver a irmã perto das bananeiras. Parecia elegante, num vestido havaiana que ia só até o joelho.
 “Kainene!” Olanna estendeu os braços de leve, insegura, e Kainene adiantou-se alguns passos; o abraço que trocaram foi curto, os corpos mal se tocaram, e Kainene recuou (MSA, 2008, p. 398).

Esse reencontro das irmãs pareceu, inicialmente, forçado e indesejado. Depois ambas descobrirão que dores maiores adquiridas na guerra já haviam amenizado o doloroso ressentimento que rondava os corações das duas protagonistas. Desse reencontro uma nova história começou a ser escrita, na qual Olanna e Kainene se tornaram as heroínas de um grupo de refugiados em Orlu.

A partir do reencontro, as gêmeas não conseguiram mais ficar distantes, havia uma necessidade incomum que as uniam. Kainene tornara gerente do campo de refugiados próximos da sua casa em Orlu e convidou a irmã para conhecer o local. Depois do massacre em Kano, cidade do norte, no qual morreram seus tios e prima, Olanna não havia presenciado, até aquele momento, situações tão deprimentes vivenciadas pelos seres humanos em campos de refugiados. Cita-se o fragmento:

Olanna seguiu a irmã. O cheiro a pegou já na primeira porta foi direto para do nariz para o estômago e revirou o cará cozido que comera no café da manhã. Kainene observava a irmã. “Você não precisa entrar.”
 “Mas eu quero”, disse Olanna, porque achava que devia. Mas não queria. Não sabia o que era aquele cheiro, mas ele ia aumentando, quase podia enxergá-lo uma nuvem suja e marrom. Sentia-se tonta. Entraram na primeira sala de aula. Havia uma dúzia de pessoas deitadas em catres de bambu, em esteiras no chão. Nenhum estendia as mãos para espantar as moscas gordas que pousavam. O único movimento que Olanna viu foi o de uma criança sentada na porta: ela cruzava e descruzava os braços. Seus ossos estavam claramente delineados e a pele grudada de uma forma que não seria possível se tivesse alguma carne por baixo da pele. [...]. Viu uma mãe sentada no chão, com dois filhos deitados do lado. Olanna não saberia dizer quantos anos eles tinham. Estavam nus; as bolas retesadas da barriga não caberiam numa camisa. As nádegas e o peito estavam caídos, eram pregas de peito enrugada. Na cabeça, chumaços de cabelo avermelhado. Os olhos de Olanna encontraram os da mãe, que olhava fixamente para ela; desviou a vista (MSA, 2008, p. 404).

Foi a partir desse dia que Olanna soube a realidade vivenciada pelas pessoas em campos de refugiados e quantas delas morriam diariamente esperando assistência médica chegar e o mínimo possível de alimentos. Nesse fragmento, onde o olhar da protagonista deixar de visualizar apenas suas necessidades e seus problemas pessoais, passando a enxergar as crianças famintas, a fome ganha um rosto³⁵. E as duas irmãs dão as mãos como sinal de uma união inabalável, construída e firmada em prol dos inocentes e famintos, as vítimas da guerra. No fragmento a seguir, observa-se o quanto Kainene está consternada com a situação flagelante que viviam os refugiados.

“Às vezes, eu odeio eles todos”, disse Kainene.
 “Os vândalos.”
 “Não, eles.” Kainene apontou para a sala de aula. “Eu os detesto por morrerem.”
 [...]

³⁵Os especialistas estavam constatando uma crescente incidência de *kwashiokor*, uma doença que deriva da deficiência de proteínas e afeta principalmente as crianças. Os sintomas são o avermelhamento dos cabelos, o empalidecimento da pele, inchamento das articulações e estofamento da carne, à medida que é distendida pela água. Além de *kwashiokor*, havia anemia, pelagra e simples inanição. Os efeitos do *kwashiokor*, que era a maior praga, são lesão [sic.] dos tecidos cerebrais, letargia, coma e finalmente morte (FORSYTH, 1969, p. 197).

Mais tarde, enquanto caminhavam de volta para o carro, Kainene pegou na mão de Olanna (MSA, 2008, p. 405).

Kainene e Olanna lutaram contra diversas dificuldades na batalha em favor dos refugiados. Kainene, com sua habilidade administrativa e facilidade em negociar com o exército, corria desesperadamente em busca de médicos e alimentos para a manutenção do campo. Contudo, houve um tempo em que os recursos haviam cessado de chegar por causa do bloqueio ocasionado pela guerra. Por mais que Kainene procurasse, não encontrava meios de conseguir o mínimo de alimentos possível, dessa forma, de duas refeições passaram a fazer apenas uma por dia. A protagonista resolveu que os refugiados iriam produzir seu próprio alimento, lançando o plano Vamos Plantar Nossa Própria Comida. Cita-se o trecho:

Comiam *garri*³⁶ e água uma vez por dia, em vez de duas, porque os fornecedores de Kainene não podiam mais cruzar até Mboşi para comprar *garri*; todas as estradas estavam ocupadas. Kainene lançou um plano, chamado Vamos Plantar Nossa Própria Comida, e quando se juntava aos homens, mulheres e crianças para cavar a terra, Olanna se perguntava onde é que a irmã aprendera a manejar uma enxada (MSA, 2008, p. 450).

Nesse mesmo excerto, percebe-se, no pensamento de Olanna através do discurso indireto livre, o quanto Kainene se dedicava aos refugiados, a ponto de esquecer suas vaidades e pensar na necessidade do outro. Fato que contrapõe a personalidade dessa personagem no início do romance, uma mulher da classe alta nigeriana, filha do dono de um vasto império petrolífero, acostumada a subserviência e a ter tudo que desejasse, transforma-se, nesse ponto da narrativa, em uma mulher que abdica de todo conforto pelo bem comum daqueles que estavam próximos a ela.

Com os dias ficando mais difíceis, Olanna decide morar com a irmã e começa a ajudá-la no campo de refugiados. Atuando como professora, contribuiu desde sua estadia em Umuahia, outra cidade *ibo*, ensinando as crianças refugiadas que ali chegava, principalmente, assuntos ligados ao patriotismo. Quando a escola de Umuahia foi transformada em campo de refugiados, ela juntamente com o Ugwu passou a lecionar no quintal da própria casa que viviam. No campo de refugiados gerenciado pela irmã, Olanna continuou ensinando as crianças. A protagonista passou a deixar de lado os problemas com o marido Odenigbo e se concentrar em outros, dentre eles, o fato de as crianças estarem com problemas de esquecimento por causa da fome, porquanto ela estava disposta a manter as crianças alertas.

³⁶Espécie de mandioca.

Preocupava-se com outras coisas: que sua menstruação estava rareando e não era mais vermelha e sim de um marrom enlameado, que o cabelo de Baby estava caindo, que a fome roubava a lembrança das crianças. E estava resolvida a mantê-las alertas; as crianças eram o futuro de Biafra, afinal de contas. De modo que todos os dias dava aula para elas debaixo de um tulipeiro-da-áfrica, bem longe dos cheiros horrendos que saíam dos fundos do prédio. Ela os fazia aprender de cor um verso de algum poema e, no dia seguinte eles já tinham esquecido (MSA, 2008, p. 449-450).

Olanna e Kainene subvertem a ordem dos fatos, a gemelaridade das irmãs já é uma ruptura com as tradições do povo *ibo*, visto que na cultura desse povo crianças gêmeas são mal recebidas e destinadas ao abandono. Subvertem a ordem das coisas, ao desmistificar a concepção de que cabe apenas aos homens a atuação em contextos bélicos. A narrativa de *Meio Sol Amarelo* (2008) centraliza nessas duas personagens femininas toda a trajetória de luta pela sobrevivência do povo *ibo*, por meio da coragem e a determinação de duas mulheres que esqueceram seus próprios desejos e necessidades para defender os mais fracos. Santos pontua (2017) que a narrativa de Adichie enfatizou a participação da mulher *ibo* na luta em favor da nação, por meio das protagonistas Olanna e Kainene, foi “possível perceber a versão feminina dos retratos da guerra, que tende a ser obliterada nesses casos, atribuindo apenas à figura masculina os atos de proteção e heroísmo” (SANTOS, 2017, p. 138).

O último ato heroico de Kainene na narrativa, sendo também a última situação dramática vivenciada pelos personagens, até o término da guerra, é quando a protagonista decide ultrapassar o bloqueio do exército para tentar negociar com os nigerianos, no intuito de conseguir alimento. Nessa empreitada, Kainene acaba desaparecendo, no território inimigo, e ninguém tem notícias suas mesmo com a guerra dando seus últimos suspiros de existência.

Os momentos de sólida esperança de Olanna, quando tinha certeza de que Kainene voltaria, eram seguidos por estirões de intensa dor, e, então, um ressurgimento da fé a fazia cantarolar baixinho, até a próxima escorregada ladeira abaixo, que a deixava amarfanhada no chão, chorando sem parar. A srta. Adebayo visitava e dizia alguma coisa sobre dor, alguma coisa simpática e superficial. A dor era a celebração do amor, aqueles que sentiam dor verdadeira tinham sorte de ter amado. Porém não era dor que Olanna sentia, era algo muito maior que dor. Era mais estranho que a dor. Ela não sabia onde estava a irmã. Não sabia (MSA, 2008, p. 498).

A guerra termina. Kainene, a outra metade do sol de Biafra, desaparece junto com o sonho de uma nação em se tornar independente. A narrativa não deixa pistas do que realmente aconteceu com a protagonista, fica uma sugestiva interrogação, seguida, talvez, pelo significado

do seu nome, ‘o que Deus reservará para nós?’. Contudo, Kainene deixa o legado de que nas guerras, mulheres também são generais, capazes de ultrapassar trincheiras para defender inocentes. Olanna, por sua vez, fez da arte de ensinar um instrumento utilizado para enaltecer sua nação, e mesmo rompendo com algumas tradições autóctones do povo *ibo*, abraçou, nos últimos momentos da narrativa, parte dessas mesmas tradições, esperando, com isso, reencontrar a irmã em uma próxima vida, como verifica-se no trecho: “Nosso povo diz que todos nós reencarnamos, não diz?”, perguntou ela. *Uwa m, uwa ozo*. Quando eu voltar, na próxima vida, Kainene será minha irmã.” (MSA, 2008, p. 500).

As irmãs gêmeas prefiguram a resistência das mulheres africanas que batalharam durante os conflitos bélicos sem baixar a cabeça para as dificuldades, mas encontrando sempre uma forma de transformar a dura realidade a sua volta. As protagonistas de *Meio Sol Amarelo* representam a mulher africana sem rótulos, sem denominações falsificadas, que luta constantemente pelo seu espaço nas vitrines sociais longe da obscuridade dos sótãos, lugar de silêncio e esquecimento.

4.3 OLANNA E MINOSSE ENTRE SÓIS E VENTOS: APOCALIPSE

Se queres conhecer a liberdade,
Segue o rasto das andorinhas.
(Ditado Chope)

Chimamanda Adichie e Paulina Chiziane apresentam nas suas obras mulheres que atuam em cenários inabituais e que mostram a todo tempo a capacidade que possuem de resistir às inconstâncias e os medos provenientes da guerra. Olanna e Minosse, símbolos de resistência feminina, protagonizam dois episódios históricos de seus países, vivenciando situações desumanas, mostrando até o final das narrativas que elas são capazes de mudar suas trajetórias de vida por mais complexas que sejam.

Minosse, a última esposa do antigo régulo³⁷ Sianga, é apresentada no início do romance como uma mulher submissa, presa às leis tradicionais autóctones do seu povo, vivenciando diversas formas de humilhação e exploração por parte do marido.

³⁷ Na configuração portuguesa da governação indireta, aos *regedores* ficavam, em síntese, atribuídas as responsabilidades de servir aos interesses da colonização, fiscalizando “na base” tudo quanto pudesse comprometer ou ameaçar a dominação portuguesa, assegurando a “fidelidade” e a disciplina dos *indigenas* e administrando o cotidiano da esmagadora maioria da população.

— Minosse, não me ouves?

— Ah, maldito!

— Não me insultes. Não te ponhas contra mim, esposa minha. A felicidade está convosco, mulheres. Encerram no vosso mundo o segredo da longa vida. Nasceram com o milho no corpo e não querem extraí-lo, cabras de um raio. Minosse, tens alimento dentro de ti, por que não me dás?

Ela ergue-se num salto. A lança penetrou certa no peito dela.

— De que me acusas, velho tonto?

— Por que te assustas? Não é a um macaco velho como este que sou que vais convencer da tua ingenuidade, doce mulher. O teu pilão é mágico, faz nascer grãos de milho e canta quando o celeiro vaza. Traz-me o sustento da tua fonte. Esclarecendo melhor, estou a par dos teus movimentos. O milho que acabamos de consumir veio do celeiro de outro homem, estou a mentir? Não te condeno, é a lei da sobrevivência. Arranja mais um amante que te pague bem, ainda não é tão velha como pensas (CHIZIANE, 2010, p. 15).

Nesse fragmento, Minosse recebe do esposo ordenanças humilhantes que nem o mais vil servo merece receber. Ela é forçada a providenciar algo para Sianga comer, não importando o que fará para consegui-lo, a única coisa que importa para o velho régulo é poder saciar sua fome. Depois de esclarecer a falta de alimento na palhoça para o esposo, este investe sobre a mulher uma imensidão de calúnias humilhantes e depreciativas. Minosse, secretamente, em outro momento, teria conseguido uma porção de milho com o vizinho em troca do seu sexo, sentiu-se bastante constrangida e envergonhada quando seu segredo foi revelado pelo marido. A situação vergonhosa que ela vivenciou para não deixar sua família padecer de fome é minimizado diante do que foi proposto pelo régulo, querer desonrá-la em troca de algo precioso. Minosse fica enfurecida com os sentimentos do marido que a rebaixa ao mais insignificante objeto, cuja finalidade seja satisfazer suas necessidades, quaisquer que sejam elas. No trecho a seguir, a protagonista de *Ventos do Apocalipse*, revela sua verdadeira personalidade, e grita, mesmo que silenciosamente, denunciando a corrente que a aprisiona:

Minosse enfrenta o marido com fúria de fêmea. Os olhos dela são o céu inteiro desabando em catadupas de fúria. Pragueja numa revolta silenciosa, mas que fiz meu Deus? Que espécie de marido tenho eu? Confesso, meus Deus, e peço perdão. Tu bem sabes, deste-me como marido um inútil. Vendi amor a alguém que só a ti direi quem é, em troca de sustento para minha família. Ali, Deus, homem que se preza, morre de fome preservando a honra, mas o meu vende-me para encher a pança. Ah, maldita fome, maldita vida. Onde a desgraça penetra a honestidade é expulsa, é verdade (CHIZIANE, 2010, p. 15).

O *régulo/regedor* representava, contemporaneamente, o último escalão do aparelho administrativo e o primeiro escalão da sociedade *indígena* (CABAÇO, 2007, p. 106).

Minosse representa a mulher moçambicana presa em um matrimônio imposto pela tradição de seu povo, no entanto, possui a visão de uma mulher madura que ainda deseja romper com os grilhões patriarcais que a aprisiona. Essa inquietação é transmitida para a nova geração representada por sua filha Wusheni, uma jovem que irrompe com as tradições moçambicanas ao casar-se com um estrangeiro, abrindo mão, dessa forma, do lobolo e do noivo escolhido pelo pai, um homem velho e rico. Minosse, frustrada com seu casamento, deseja que sua filha tenha um destino diferente do seu, por isso acaba revelando seus temores em relação ao destino dela:

— Sim, filha malparida. Estavas sim com um cabra macho. Olha-se para tua cara e advinha-se. Para a tua maior felicidade, o teu pai está ausente. Não sei o que anda naquela cabeça, passa o dia espreguiçando-se como jacaré, mas à noite é mais irrequieto que um macaco. Perde o tempo nas matas, conversando com gente estranha. Diz a toda hora que voltará a ser régulo e quer lobolar uma nova mulher. Está misterioso esse teu pai e muito me preocupa. Agora estás também a aumentar-me as preocupações.

— O pai vai lobolar uma nova mulher?

— Sim, e passam-se coisas estranhas neste lar. Os meus espíritos dizem-me que não é uma coisa boa. Minha filha, gostaria muito de te ver longe desta casa. Se ao menos pudesse casar com um homem diferente de seu pai.

— O que se passa, mãe? (VA, 2010, p. 23).

A premonição de Minosse estava correta, Sianga almejando recuperar a antiga posição que exercia quando era régulo da administração portuguesa, envolveu-se, juntamente com seu filho Manuna e outros aldeões, em uma luta de guerrilha em plena efervescência da Guerra Civil Moçambicana (1977), travada entre a FRELIMO e a RENAMO, dois regimes ideológicos distintos em um embate violento pelo poder. Esse envolvimento resultou no massacre da aldeia de Mananga, aldeia onde todos os conspiradores e seus familiares viviam. Nesse massacre, a filha de Sianga e Minosse, Wusheni, foi assassinada, involuntariamente, pelo próprio irmão que desejava intensamente vingar-se do cunhado Dambuza. Conforme o fragmento a seguir:

Manuna é um guerreiro ágil, aprendeu bem a lição e move-se no espírito a aspiração a atingir o posto de general. Comanda o seu grupo em direção à casa da sua irmã Wusheni. Há contas a ajustar com Dambuza, esse cão. Escancara a porta da cabana num só golpe. Entra na palhota de arma em punho. O cunhado está só, mais enrolado que um caracol procurando protecção na parede, desprotegido, desarmado. Ainda bem que minha irmã não está aqui nunca saberá que fui eu. Levanta a arma, está quase a desferir o golpe, o corpo fraqueja, dá um grito foi atingido nas costas. Wusheni estava atrás da porta empunhando a catana com força de mulher. No momento certo deu o golpe certo. Na agonia do adeus, Manuna vira a ponta do punhal rasgando verticalmente o ventre de quem o fere. Wusheni e Manuna, dois irmãos que partilharam do mesmo ventre, do mesmo leite, do mesmo amor e do mesmo ódio tombaram na mesma batalha (VA, 2010, p. 68).

Após esse acontecimento Minosse perde completamente as forças que a mantêm de pé; sua existência perde o sentido, deseja desesperadamente a morte. Os filhos mortos de uma forma tão trágica, além do netinho que teve a vida ceifada ainda no ventre da mãe, a soma de muita dor e sofrimento em uma única noite. Sianga, juntamente com seus cúmplices, acabam julgados e condenados à morte pelos crimes cometidos.

A partir desse episódio, os aldeões de Mananga resolvem migrar para a aldeia do Monte, no intuito de fugir da guerra que se manifestara através do massacre e também da seca prolongada que assolava os aldeões, deixando-os padecer de fome. Durante a peregrinação pelas matas, fugindo dos ataques dos guerrilheiros, os aldeões são acometidos por uma série de situações de perigo, fome, doença, violência e morte.

Em ambos os romances, as protagonistas, Olanna e Minosse, sofrem o exílio forçado e testemunham, mesmo que separadas por fios narrativos distintos, sofrimentos vividos e traumas provenientes das cenas apocalípticas que foram obrigadas a presenciar.

Olanna apresentada na narrativa de *Meio Sol Amarelo*, como uma mulher que foge aos padrões estabelecidos socialmente, preferindo viver a partir de suas próprias concepções, desde o início do romance já se mostra detentora de suas vontades. O fato de morar com o namorado mesmo sem casar, de estudar e de ser independente financeiramente, não a libera de ser julgada como mulher a cometer, ‘delitos’, propícios para fazê-la sofrer uma difamação na sociedade nigeriana. No entanto, a protagonista não demonstrou fraqueza nem vacilou em nenhum momento porque vivia da forma que desejava. Mesmo quando decidiu adotar a filha de Odenigbo, fruto da sua traição com a aldeã Amala, ela ainda demonstra seguir suas próprias concepções e desejos.

Quando a guerra assola seu povo, a protagonista terá que provar a todo instante sua capacidade de vencer todos os obstáculos e intempéries provenientes dessa beligerância. A primeira situação dramática que Olanna vivencia e que de fato torna a guerra na Nigéria evidente é o massacre que acontece em Kano, cidade nortista, onde moravam seus tios e sua prima Arize, além do antigo namorado Mohammed de etnia *hausa*³⁸. Nesse evento, Olanna visitava Mohammed, nessa cidade, quando ele chegou com a notícia de que uma rebelião ocorria na cidade e parecia ser por questão religiosa. No momento, a protagonista desconsiderou

³⁸Segundo Hernandez (2005), a Nigéria é dividida em regiões semiautônomas, ao norte, com uma estrutura pré-colonial, de domínio dos *haucás*, na sua maioria mulçumanos. Na região sudeste ficavam os *ibos*, predominantemente cristianizados, mas sem se distanciar da religião tradicional, baseada no culto dos ancestrais; e a sudoeste ficava a região dos *iorubas*, povo influenciado pelo islamismo.

a seriedade da situação descrita pelo amigo, no seu pensamento era apenas uma rebelião de estudantes. Ela até brincou quando Mohammed pediu que ela usasse um lenço no pescoço para parecer com as mulheres do seu povo, como se observa no excerto abaixo:

Mohammed entrou num quarto e saiu de lá com um lenço. “Use isso, assim pode passar despercebida.”
 Olanna colocou o lenço na cabeça e enrolou-o no pescoço. “Estou igualzinha a uma muçulmana”, brincou.
 Porém Mohammed não sorriu. “Vamos. Conheço um atalho até a estação de trem.” (MSA, 2008, p. 174-175).

Nesse fragmento, evidencia-se a preocupação de Mohammed em querer levar Olanna para a estação de trem para que ela pudesse imediatamente voltar para Nsukka em segurança. Entretanto, a protagonista não aceitou, porque seus planos era voltar para essa cidade com a prima Arize no dia seguinte. Diante da impaciência e da incompreensão de Olanna sobre a gravidade da situação, o amigo acabou revelando que *Sabon Gari*, bairro onde os tios moram não era mais um lugar seguro, e que havia corpos de *ibos* largados na avenida do aeroporto.

Os *Sabon Garis* eram bairros segregados onde viviam os orientais, *ibos e iorubas*; os tios de Olanna viviam em um desses locais. Durante os massacres na região, esses bairros foram os primeiros locais escolhidos pelos nortistas para iniciar a onda de violência e o assassinato em massa dos nigerianos pertencentes a essas duas etnias. De acordo com o jornalista e escritor Frederick Forsyth (1969), os organizadores desses massacres eram ex-políticos, servidores civis, autoridades governamentais locais e agentes do partido, os quais não poupavam nem mulheres grávidas. Nas palavras do próprio escritor:

Como em maio, os massacres foram planejados e organizados praticamente pelos mesmos elementos que haviam sido desacreditados em janeiro: ex-políticos, servidores civis, autoridades governamentais locais e agentes do partido. Novamente, tais homens foram vistos seguindo em ônibus alugados de cidade para cidade, no norte, exortando as massas à violência, liderando-as em seus ataques aos *Sabon Garis*, onde viviam os orientais. Houve, contudo, uma diferença significativa: naquele verão, a polícia e o exército em diversos casos lideraram ativamente os bandos assassinos, antecipando-se inclusive no saque dos bens das vítimas e no estupro de suas mulheres (FORSYTH, 1969, p. 77).

Embora a intenção de Chimamanda Adichie em escrever *Meio Sol Amarelo*, fosse retratar suas “próprias verdades imaginadas e não os fatos da guerra”³⁹, o romance contextualiza

³⁹ Nota da Autora, extraído do romance *Meio Sol Amarelo* (2008, p. 501).

de forma objetiva os episódios mais dramáticos da Guerra Civil na Nigéria. As descrições acima feitas por Forsyth, por exemplo, corrobora com a narrativa de Adichie, confirmado no trecho a seguir:

Mohammed tomou a direção de Sabon Gari. Um ônibus passou por eles empoeirado e amarelo; parecia um daqueles ônibus de campanha que os políticos usavam para rodar por áreas rurais dando arroz e dinheiro vivo aos habitantes dos povoados. Um homem estava pendurado na porta do ônibus, com um alto-falante grudado na boca, fazendo ressoar suas lentas palavras em hauçá: “Os ibos têm de ir embora. Os infiéis têm de ir. [...]” (MSA, 2008, p. 175)

Reconhecendo o perigo que corria, Olanna acabou retornando para *Sabon Gari*, temerosa com o que teria acontecido com seus familiares. Os detalhes descritos sobre o momento que Olanna chega em frente ao *compound* dos tios e os ver mortos no chão transporta o leitor para o episódio cruel que foi aquele massacre para os povos orientais da Nigéria, como se observa no fragmento seguinte:

Abriu a porta do carro e saiu. Parou alguns instantes por causa da luminosidade ofuscante e do calor que fazia, as chamas subindo pelo telhado, areia e cinzas flutuando no ar, antes de sair correndo rumo à casa. Parou ao ver os corpos. Tio Mbaezi estava de bruços, com o corpo retorcido, as pernas esparramadas. Alguma coisa branco-cremosa escorria do rasgo enorme aberto atrás da cabeça. Tia Ifeka estava na varanda. Os cortes em seu corpo nu eram menores, pontilhando braços e pernas como lábios vermelhos meio abertos (MSA, 2008, p. 176).

Ao presenciar a cena descrita acima, Olanna perdeu completamente o domínio dos sentidos, conseguindo sair daquele local arrastada pela mão de Mohammed. A protagonista foi colocada às pressas pelo amigo dentro de um trem lotado e seguiu direto para a Nigéria Oriental.

O trajeto incomum de Olanna dentro do trem, sentada no chão, junto com pessoas estranhas, mas que comungam da mesma situação: pertencem à etnia *ibo* e foram forçadas a voltar para suas terras de origem para não morrer nas mãos dos *hausas*, desloca a protagonista de um lugar privilegiado, colocando-a próximo aos sujeitos que estão à margem da história, que foram vítimas dos conflitos bélicos e tiveram seus sofrimentos ocultados pela historiografia oficial. Como exemplo, a mãe que carregava a cabeça da filha dentro de uma cabaça⁴⁰, como verificado no fragmento a seguinte:

⁴⁰Forsyth (1969), também descreve em seu livro *A história de Biafra*, a história de uma mulher *ibo* que depois de viajar por cinco horas fugindo dos massacres dos nortistas, chegou de volta na sua aldeia, atordoada e emudecida, com uma tigela contendo a cabeça de seu filho, que foi decapitado diante de seus olhos

A mulher com a cabaça lhe deu uma cotovelada de leve e chamou outras pessoas para que se aproximassem. “*Bianu*, vem ver”, disse ela: “Vem dar uma olhada”.

Abriu a cabaça.

“Dêem uma olhada”, disse de novo.

Olanna olhou dentro. Viu a cabeça de uma menina, a pele baça e cinzenta, o cabelo todo trançado, os olhos revirados para trás e a boca aberta. Continuou olhando por um tempo, antes de desviar a vista. Alguém gritou.

A mulher fechou a cabaça. “E sabe que eu levei um bom tempo”, disse ela, “para trançar o cabelo dela? Ela tinha um cabelo tão grosso.” (MSA, 2008, p. 178).

A narrativa *Meio Sol Amarelo* apresenta ao leitor a violência vivenciada pelos *ibos* nesse contexto histórico, no qual Olanna prefigura os sujeitos que testemunharam seus familiares sendo mortos por causa do projeto inescrupuloso de destruir uma etnia para uma outra tornar-se soberana em todo país nigeriano.

Depois de viajar dentro de um ônibus lotado por três horas, a protagonista conseguiu chegar na casa de Odenigbo em Nsukka. Desmaiada no degrau da casa com as roupas molhadas, foi encontrada por sua filha adotiva Baby. A partir desse dia, Olanna entrou em um transe psíquico profundo que afetou até mesmo suas cordas vocais e os movimentos das pernas. O trauma vivido pela protagonista a abalou tão demasiadamente que ela passou a ter crises psíquicas, descritas no romance como ‘Mergulhos no Escuro’:

Nessa noite, teve seu primeiro Mergulho no Escuro. Um grosso cobertor desceu de lá de cima e comprimiu seu rosto firmemente, enquanto ela lutava para respirar. Depois, quando se foi, liberando-a para respirar fundo muitas vezes, Olanna viu corujas em fogo na janela, sorrindo e chamando por ela com as penas chamuscadas (MSA, 2008, p. 186-187).

Essas crises deixaram Olanna escondida dentro de si mesma, compenetrada na escuridão da própria dor. Minosse teve uma experiência traumática que se relaciona com a vivenciada por Olanna. Após o massacre que vitimou seus filhos e neto, Minosse entrou em uma espécie de atordoamento que a deixou completamente fora de si, começando uma jornada interior sem destino, sendo descrita na narrativa como um fantasma, pois em sua forma humana só existia o vazio.

Na viagem fantasma, a velha Minosse vai à frente e nem os homens fortes conseguem seguir o passo dela. Caminha leve como uma pena. Todos se espantam. Os desgostos fizeram dela uma pessoa morta. Ela é um fantasma.

Os fantasmas não têm corpo e nem sentem peso. Ela caminha leve e livre mesmo sem saber para onde vai (VA, 2010, p. 92).

As situações traumáticas vivenciadas pelas duas protagonistas configuram “uma experiência que traz à mente, num período curto de tempo, um aumento de estímulo grande demais para ser absorvido” (FREUD *apud* NESTROVSKI e SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 8). Os dois eventos catastróficos que ocorreram tão abruptamente trouxeram para as personagens uma tensão tão intensa que elas precisaram entrar em um período adormecimento interior para absorver tudo que foi presenciado e conseguir a cura necessária para continuar suas trajetórias.

Chiziane apresenta a mulher como símbolo de resistência capaz de suportar as mais cruéis situações, e ainda assim se recuperar de tudo que vivenciou em favor de uma única causa. É o caso de Minosse, uma mulher que sobreviveu aos inconstantes infortúnios ao lado do marido Sianga. Perdeu toda sua família em decorrência dos males da guerra, no entanto, reagiu a sua tristeza e desvario quando descobriu que próximo a ela tinha crianças órfãs que necessitavam de cuidados e atenção. Minosse abandonou, por algum tempo, os lamentos da sua alma para aliviar os sofrimentos vivenciados por essas crianças que haviam perdido os pais durante os massacres, nas guerrilhas, e padeciam com a fome e com os maus tratos.

Minosse arrepiava-se com os relatos. Quer comentar, quer fazer perguntas, mas depressa concluiu que seria exigir bastante, a menina está demasiada cansada para voltar a recordar acontecimentos desagradáveis. Abraça a menina com ternura e deixa que ela chore até à exaustão. Oferece-lhe mil carícias. A sua cabeça trabalha no sentido de encontrar uma solução para os problemas da menina. É pequena ainda e parece ter dez anos apenas. Os irmãos aparentam seis e quatro, são demasiado pequenos para enfrentar a vida e os tormentos. Toma uma decisão cuidará deles. Ela será a mãe, o pai e a esperança que eles perderam (VA, 2010, p. 139).

Com o relato triste de Sara, a irmã mais velha, Minosse se comove e uma decisão é tomada pela a protagonista. Sofrendo pela solidão e ausência de seus filhos, decide tomar para si essas crianças que estão sofrendo pela dor da perda e ausência dos pais. A trajetória de Minosse se transforma a partir daquele momento. Ela não é mais sozinha, uma nova família nasceu desse período de exílio interior, a protagonista reencontra a felicidade, como observado nesse pequeno excerto: “Minosse chora de alegria e de dor. Sente em si a mulher mais feliz do universo. Nunca antes imaginara encontrar no desterro a família sepultada nas areias de Mananga” (VA, 2010, p. 139).

A atuação de Minosse diante do sofrimento de crianças vítimas da guerra, a posiciona no lugar de destaque nesse contexto e desmascara a história narrada a partir da visão masculina, cujo enredo oculta a participação das mulheres nas grandes guerras, mas expõe exageradamente os grandes feitos dos homens. De acordo com Ribeiro (2004, p. 10), ao deslocar as mulheres das margens silenciosas para o centro da análise, a guerra se tornou um fenômeno feminino e masculino, contribuindo para que as histórias das Grandes Guerras ganhassem “uma dimensão e uma complexidade que obrigou a uma reescrita da história”.

Por isso, as histórias sobre guerras começaram a ser narradas a partir de outros olhares, olhares estes capazes de captar o menor sinal de vida humana no meio dos destroços bélicos; capazes de visualizar com nitidez uma mãe no meio de uma multidão tentando a todo custo conseguir uma porção mínima de alimento para sua filha flagelada pela fome. Olanna prefigura essa mãe que presenciou a guerra tirar-lhe tudo, passando a lutar, diariamente, pelas porções de alimento doadas pelo Conselho Mundial de Igrejas, para não deixar sua família padecer de fome. Em uma das suas idas ao centro assistencial em busca das porções de alimentos, a protagonista já habituada a esperar na fila, empurrando quem a empurrava e esquivando-se da milícia que fustigava a multidão, conseguiu porções significativas de alimentos e uma latinha de carne enlatada, uma raridade, doada furtivamente pelo novo conhecido Okoromadu. Olanna sentiu uma alegria estonteante e um prazer inesperado quando viu a lata dentro do cesto. Contudo, essa alegria durou pouco, pois um grupo de soldados traumatizados pela guerra e famintos, perseguiram a protagonista quando ela voltava para casa, um dos soldados avançou sobre o seu cesto pegou a latinha e saiu correndo, os outros seguiram atrás. Segue-se o trecho:

O soldado traumatizado a seguiu quando ela se afastou do portão. Ela apressou o passo no trecho empoeirado que levava à rua principal, mas cinco deles, todos em fardas esfrangalhadas, a cercaram pouco depois. Eles balbuciavam, gesticulando para o cesto, o tom de voz alterado, e Olanna entendeu algumas palavras que diziam. “Tia!” “Irma!” “Dá agora!” “Fome mata nós todos!” Olanna agarrou-se ainda mais ao cesto. Sentiu um ímpeto quente e infantil de chorar. “Sumam daqui! Vamos, sumam daqui!”
 [...] O medo de Olanna veio com raiva, uma raiva feroz e estimulante, e ela se imaginou lutando com eles, estrangulando todos, matando todos. A lata de carne era dela. Dela. Recusou alguns passos. Numa fração de minuto, num movimento tão rápido que ela só percebeu depois, o soldado de boné azul agarrou seu cesto, pegou a latinha e saiu correndo. Os outros foram atrás. [...] O cesto estava caído no chão. Olanna ficou ali e chorou em silêncio, porque a lata não ficara com ela. Depois ergueu o cesto, tirou um pouco da areia do saco de maisena e voltou para casa (MSA, 2008, p. 318).

A descrição dessa cena vivenciada pela protagonista revela conflitos que ocorrem dentro de outros conflitos de maiores proporções nos contextos beligerantes, e que são desconsideradas

pela história oficial. Contudo, essa cena ganha significância através da narrativa de Adichie que soube captar a partir dos relatos de memória, cada situação conflituosa vivenciada pelas vítimas da guerra e da diáspora forçada, trazendo para o conhecimento do leitor, os conflitos que ocorrem além das trincheiras, cujos personagens centrais, na sua maioria, são mulheres e crianças. Como, por exemplo, a ocorrência dos ataques aéreos, nos quais os civis são alvos constantes dos bombardeios e procuram livrar-se desesperadamente de todos, em uma luta acirrada pela sobrevivência. A narrativa de *Meio Sol Amarelo* contextualiza diversos momentos em que os personagens se deparam com situações desse tipo e precisam se abrigar rapidamente para não correr o risco de perder a vida nos bombardeios catastróficos.

Estava dando o banho da tarde em Baby quando a sirene soou de novo; agarrou a menina despida e saiu correndo da casinha. Baby quase escorregou. O rugido veloz dos aviões e o pronunciado *cá-cá-cá* do fogo antiaéreo vinham em cima, de baixo e dos lados, e faziam seus dentes tremer. Enfiou-se no bunker e ignorou os grilos.

“Onde está Odenigbo?”, perguntou ela, depois de um tempo, pegando no braço de Ugwu. “Cadê seu patrão?”

“Ele deve está aqui, *mah*”, disse Ugwu, olhando em volta.

“Odenigbo!”, chamou Olanna. Mas ele não respondeu. Ela não se lembrava de tê-lo visto entrar no bunker. Devia estar lá fora, em algum lugar. [...]

[...]. Correu, o coração machucando o peito, gritando “Odenigbo! Odenigbo!”, até que o viu curvado sobre alguém no chão. Olhou para seu peito nu e peludo, para sua nova barba, suas sandálias rasgadas, e, de repente, a mortalidade dele — mortalidade dos dois — a golpeou com um aperto na garganta, uma pressão de alarme. Abraçou-o bem apertado. Havia uma casa na rua pegando fogo (MSA, 2008, p. 321-322).

Cenas como essa, guardadas no fundo da memória dos vitimados pela guerra, passam despercebidas pelo crivo da história, mas se tornaram destaques nas narrativas das autoras contemporâneas, Adichie e Chiziane que, através de suas escritas, narram a trajetória das mulheres africanas em contextos de guerra, sobrevivendo a uma série de privações, porém mostrando em todo tempo a força que as fazem resistir a situações caóticas. Olanna e Minosse, protagonistas acometidas por traumas e dores devidos às perdas humanas na guerra, mostraram que são capazes de transformar seus destinos, mesmo seguindo percursos inconstantes em meio à destruição e à morte; e como as andorinhas que nunca tocam o chão, conseguiram se posicionar acima dos desafios, renovando suas esperanças e acreditando em um futuro sem guerra, sem dor, sem lágrimas.

5 CONCLUSÃO

As mulheres africanas, símbolo da luta pela libertação de seus países do domínio colonial, luta esta que teve proporções ainda mais complexas para elas, porque lutaram, não só pela liberdade de suas nações, como também pela própria liberdade e pela identidade usurpada pelo colonizador. Nesse contexto, as mulheres sofriam uma dupla colonização, por ser mulher, em uma cultura predominantemente patriarcalista, e por estar à mercê do poder do colono. A imagem deturpada da mulher africana a partir da visão do branco colonizador que a rebaixa a condição de objeto sexual, amante lasciva e insaciável, perpetuou durante muito tempo e atualmente muitos debates tentam, a todo custo, desmistificar essa concepção errônea ligada à identidade feminina africana.

Nesse cenário, as africanas foram forçadas a conviver com a cultura europeia que invalidava totalmente as tradições do seu povo. Sofrendo inúmeras violências e sendo obrigadas a viver mediante um padrão de vida completamente distante da sua cultura, essas mulheres nunca se deram por vencidas, e se uniram aos homens no combate ao domínio europeu. Lideraram greves e protestos, batalharam no *front* de combate, e nos bastidores da guerra, desenvolvendo uma tripla jornada de trabalho, pois tinham que exercer a maternidade, trabalhar na agricultura e ainda executar atividades militares, treinando outras mulheres, e preparando a alimentações dos combatentes.

Com marcas da subalternidade deixadas pela colonização, as mulheres africanas acabaram silenciadas durante muito tempo, no entanto, o questionamento de Spivak (2010), *Pode um subalterno falar?*, serviu de base à postura feminina diante da escravização de seus pensamentos e de suas vontades, fazendo com que muitas mulheres entrassem nessa luta em prol da liberdade e das identidades roubadas. As escritoras Chimamanda Ngozi Adichie e Paulina Chiziane cumprem a missão de protestar contra o silenciamento dessas vozes, vozes essas que nunca deixaram de lutar contra a opressão e violência do colonizador e que, através do protagonismo de mulheres como Olanna, Kainene e Minosse, encontraram a confirmação da liberdade que possuem de falar e se fazer ouvir nos espaços sociais que transitarem.

Nas histórias narradas sobre as guerras, o heroísmo e bravura ficou sempre a cargo do sexo masculino, enquanto para as mulheres cabia sempre os papéis secundários, de esposa, mãe e filha, que esperavam os incansáveis guerreiros chegarem das batalhas segurando as medalhas de bravura. As narrativas contadas por essas escritoras, têm como pano de fundo duas guerras, nele as mulheres abandonam a costumeira posição de senhoras do lar e se arriscam em ambientes hostis, protagonizando na vida de sujeitos marginalizados uma gama de ações

heroicas que modificam seus destinos. A protagonista Kainene, por exemplo, que, durante a Guerra na Nigéria, utilizou suas habilidades em transações comerciais e negociou até mesmo com o exército inimigo em busca de alimentos para os refugiados. Olanna centraliza a narrativa de *Meio Sol Amarelo*, prefigurando uma mulher que carregou muitas marcas da guerra, foi acometida por um trauma que a deixou impossibilitada de andar e falar, sofreu um exílio forçado e enfrentou uma série de privações até quando passou a conviver com a fome. No entanto, desenvolveu um trabalho com as crianças refugiadas, no qual ministrava aulas em locais impróprios para que a guerra não tirasse delas até mesmo o direito à educação.

Mínosse, flagelada pela fome e violentada pelo marido, representou a imagem da mulher moçambicana presa às algemas de um matrimônio infeliz, mas que na narrativa de Chiziane encontrou espaço para denunciar as aflições que sofria, tornando a narrativa dessa escritora porta-voz contra as violações sofridas e que estão ocultadas pelas tradições autóctones moçambicanas. Transitando em um contexto catastrófico beligerante, Mínosse assume uma posição exílica, juntamente com os aldeões de Mananga, e parte em busca do lugar de paz, a aldeia do Monte, é lá que a protagonista de *Ventos do Apocalipse* encontra uma maneira de curar as mágoas e aliviar a dor da saudade dos filhos ceifados pela guerra, pois assumindo o protagonismo na vida de crianças órfãs ela encontra o equilíbrio e paz que sua alma precisa para continuar vivendo.

A breve análise da participação das mulheres na luta pela libertação de seus países do domínio colonial juntamente com a atuação das protagonistas nos romances analisados, confere à historiografia a missão de reescrever as histórias das guerras colocando as mulheres na posição de igualdade junto aos homens.

Rompendo com o modelo das histórias narradas a partir da versão do colonizador, Chimamanda Adichie e Paulina Chiziane narram histórias baseada em realidades vividas de mulheres africanas que atuam em cenários incomuns e imprevisíveis, fora dos ambientes privados, de acesso restrito, espaços onde a ordem social, familiar e mental se encontra organizadas, onde quem dá a voz é quem está na posição de comando (ROZÁRIO, 2010). Portanto, esse deslocamento promove a proclamação da liberdade feminina diante das concepções misóginas e desmistifica imagens estereotipadas que ainda persistem no âmago da sociedade atual. Porquanto, Chimamanda e Chiziane, contextualizaram vivências próprias das mulheres de seus respectivos países, estabelecendo um lugar de fala para que elas narrassem suas impressões, sensações e sentimentos a partir das experiências vividas, um lugar em que elas puderam ser quem realmente são, sem rotulações, sem silenciamento.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **A flecha de Deus**. Tradução Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Chimamanda Ngozi Adichie**: Nossa época obriga a tomar partido. [Entrevista concedida a] Cláudia Salazar Jiménez, em 11 de outubro, 2017. EL PAÍS. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/01/cultura/1506882356_458023.html. Acesso: 15 abril 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Escritora Militante Feminista tem livro lido por toda Nova York. [Entrevista concedida a] Jorge Pontual **Milênio**, Globo News, exibido em 24 de julho, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1v7j1doqIKk>. Acesso em 11 nov. 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio sol amarelo**. Tradução Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-92160. Acesso em: 09 abril 2018.

ALVES, Iulo Almeida; ALVES, Tainá Almeida. **O perigo da história única**: diálogos com Chimamanda Adichie. (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) s/d. disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/alves-alves-o-perigo-da-historia-unica.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2018.

APPIAH, Kwame Anthony. Identidades africanas. *In*: APPIAH, Kwame Anthony . **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BAMISILE, Sunday Adetunji. **Questões de género e da escrita no feminismo na literatura africana contemporânea e da diáspora africana**. (Doutorado em estudos literários esp. Literatura comparada). Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 2012. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8699/1/ulsd65962_td_Sunday_Bamisile.pdf. Acesso em: 10 abril 2018.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre a filosofia da história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

BEZERRA, Rosilda Alves; SOUZA, Francisca Zuleide Duarte de. A mulher moçambicana e sua relação com a guerra em *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane. **Mulemba**. Rio de Janeiro: UFRJ, V. 1, n. 10, pp. 84-98, jan. /jun. 2014.

BONNICI, Thomas. Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês. **Maringá**, v. 28, n. 1, p. 13-25, 2006.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *In*: BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CABAÇO, Luís de Oliveira. **Moçambique: identidade, colonização e libertação**. Tese (Doutorado – Programa de Antropologia Social), Universidade Federal de São Paulo USP, 2007. Disponível em:
file:///C:/Users/LENOVO/Downloads/TESE_JOSE_LUIS_OLIVEIRA_CABACO%20(1).pdf
f. Acesso em: 16 abril 2018.

CASIMIRO, Isabel. **Paz na terra, guerra em casa: feminismo e organizações de mulheres em Moçambique**. Maputo: Promédia, 2004. Disponível em:
<http://nigs.ufsc.br/files/2017/08/PAZ-NA-TERRA-GUERRA-EM-CASA-UFPE-final.pdf>.
Acesso em: 10 set. 2018.

CASSILHAS, Fabrício Henrique Meneghelli. **A interculturalidade em Half of a Yellow sun, de Chimamanda Ngozi Adichie: uma análise comparativa das traduções portuguesa e brasileira**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução, Florianópolis, 2016. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/167620/341091.pdf?sequence=1>.
Acesso em: 09 abril 2018.

CHAN, Mauricio Aparecido. **Leituras sobre a guerra de Biafra (1967-1970): as versões dos conflitos nos textos de história e literatura**. Brasília: Departamento de História da UnB, 2017. Disponível em
http://bdm.unb.br/bitstream/10483/18808/1/2017_MauricioAparecidoChan.pdf. Acesso em:

CHERKI, Alice. Prefácio à edição de 2002, por Alice Cherki. *In*: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. **Revista do núcleo de estudos de literatura portuguesa e africana da UFF**. Vol. 5, nº 10, abril/2013a.

CHIZIANE, Paulina. Novelas brasileiras passam imagem de país branco, critica escritora moçambicana. [Entrevista concedida a] Alex RODRIGUES. *In*: **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique**. MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó (org.). Curitiba: Appris, 2013b.

CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

CHIZIANE, Paulina. Sobre contar histórias. [Entrevista concedida a] Joice Berth. **Justificando**, em 26 de setembro 2016. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=aYfnwXeHoVk>. Acesso em: 5 de mar/ 2018.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. Lisboa: Caminho, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. A presença da mulher na literatura brasileira contemporânea. *In*: COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.

COSTA, Eliane. **Paulina Chiziane e as águas míticas do feminino**. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/465>. Acesso em: 26 abril 2018.

CROCE, Benedetto. A “literatura comparada”. *In*: COUTINHO Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (org.). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005. p. 54. Disponível em <http://www.palmares.gov.br/file/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em 10 de abril 2018.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

FORSYTH, Frederick. **A história de Biafra: o nascimento de um mito africano**. 4 ed. Tradução A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: RECORD, 1969.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane**. Tese (Doutorado). João Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2013/06/images_pdf_Savio.pdf. Acesso em: 15 nov. 2018.

JORGE, Silvio Renato. Entre guerras e narrativas: percursos da escrita de Paulina Chiziane e Lília Momplé. *In*: **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique**. MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó (org.). Curitiba: Appris, 2013.

KÜTTER, Cintia Acosta. Entrevista com a escritora Paulina Chiziane. **Diadorim**. Universidade do Rio de Janeiro, Revista 19, vol. 1, p. 53-62, jan-jun, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327477520_Entrevista_com_a_escritora_Paulina_Chiziane. Acesso em: 15 nov. 2018.

LEITE, Ana Mafalda. Canto, recitação e memória: a poesia de José Craveirinha. *In*: LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2012.

LIMA, Lílian Almeida de Oliveira. **Tear de fios, tecer de mulheres: o tecido narrativo de Helena Parente Cunha**. Introdução. Salvador: EDUNEB, 2017.

MARQUES, Lorena de Lima. 7 de abril, dia da mulher moçambicana. **Fundação Cultural Palmares**, 2019. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=53889>. Acesso em 10 de jul. 2019.

MEDEIROS, Cláudia Barbosa; SECCO, Carmen Lúcia Tindó. O alegre canto do corpo feminino e suas notas dissonantes. **Revista Graphos**, vol. 16, nº 1, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/20331>. Acesso em: 14 agost. 2018.

MIRANDA, Maria Geralda. À Paulina Chiziane (Entrevista). In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó (org.). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

MÜLLER, Fernanda de Oliveira. **O florescer das vozes na tradução de *Purple hibiscus*, de Chimamanda Ngozi Adichie**. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2017, 107f. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução. http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_cb78adc19509aa470f50b1c230efe0e5/Details#description. Acesso em: 04 set. 2018.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). Apresentação. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000.

NUNES, Alyxandra Gomes. **Conflitos, silêncios e a guerra de Biafra na nação imaginada nos romances *Purple hibiscus* e *Half of yellow sun* de Chimamanda Ngozi Adichie**. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2016. <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Roberta.pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

PADILHA, Laura Cavalcante. Sobre mulheres que apostam no amanhã (Prefácio). In: MIRANDA, Maria Geralda; SECCO, Carmen Lucia Tindó (org.). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

PEREIRA, Ianá Souza. **Vozes femininas de Moçambique**. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/assisten-cia%20social/Downloads/2012_IanaSouzaPereira.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

RIBEIRO, Margarida Calafate. África no feminino: as mulheres portuguesas e a guerra colonial. **Revista Crítica das Ciências Sociais**, n° 68, abril 2004, p. 7-29. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/921_MCR_Africa%20feminino.pdf. Acesso em: 26 jan. 2019.

SANTANA, Jacimara Souza. A participação das mulheres na luta de libertação de Moçambique em notícias (Revista Tempo 1975-1985). **SANKOFA**, Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, n° 4, dez. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/COMPUTADOR/Downloads/88746-Texto%20do%20artigo-126159-1-10-20141212.pdf>. Acesso em: 20 set. 2018.

SANTOS, Áurea Regina do Nascimento; MENDES, Algemira de Macedo. Configurações de gênero na narrativa de Paulina Chiziane: o empoderamento de vozes femininas. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016. p. 51-68. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie04.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2018.

SANTOS, Flávia Kellyane Medeiros da Silva. **Meio sol amarelo e a crítica ao pensamento eurocêntrico sobre a África: Biafra e a resistência igbo**. Dissertação (Mestrado), Universidades Estadual da Paraíba, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/COMPUTADOR/Downloads/PDFCDISSERTA%3%87%3%83O%2%20FL%3%81VIA%20KELLYANE%20MEDEIROS%20DA%20SILVA%20SANTOS.pdf>. Acesso em: 04 set. 2018.

SCHMIDT, Simone Pereira. A guerra segundo as mulheres: por uma visão feminista e pós-colonial dos relatos de guerra em Angola. **Crítica Cultural** – Critic, Palhoça, SC, v. 12, n. 2, p. 209-218, jul./dez. 2017.

SECCO, Carmen Lucia Tindó; MIRANDA, Maria Geralda de (org.). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos em Moçambique**. Curitiba: Appris, 2013.

SILVA, Fabio Mario da (org.). **O feminismo nas literaturas africanas em língua portuguesa**. Lisboa: CLEPUL, 2014. http://www.lusosofia.net/textos/20141130-silva_fabio_mario_da_o_feminino_nas_literaturas_africanas_em_lingua_portuguesa.pdf. Acesso em: 09 maio 2018.

SOUSA, Noemia. Negra. *In*: SPÁNKOVÁ, Silvie (org.). **Literaturas africanas de Língua portuguesa I: antologia de textos literários**. Berno: Masaryhova univerzite, 2014. Disponível em: <https://digilib.phil.muni.cz/data/handle/11222.digilib/131160/monography.pdf>. Acesso em: 12 de set. 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode um subalterno falar?** Tradução Sandra Regina Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TELEGA-SOARES. Natalia. **E ouviram-se as vozes de mulheres africanas... O feminismo africano e a escrita de Chimamanda Ngozi Adichie**. Lisboa: Faculdade Ciências Sociais e Humanas, 2014. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/13589/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20em%20Estudos%20sobre%20as%20Mulheres.%20Natalia%20Telega.%202014.pdf>. Acesso em: 07 de nov. 2017.

VIANA, Maria José Motta. **Do sótão à vitrine: memórias de mulheres**. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

VIANNA, Lúcia Helena. Poética feminista-poética da memória. **Labrys-Estudos feministas**, n°4, agosto/setembro/2003. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys4/textos/lucia1.htm>. Acesso em 24 set. 2017.

VILLANUEVA, Concepción Fernandez. A participação das mulheres nas guerras e a violência política. *In*: JONAS, Eline (org.). **Violências esculpidas**. Disponível em: <https://www.ucm.es/data/cont/docs/701-2014-02-19-violencia%20esculpida.pdf>. Acesso em: 20 de maio 2019.

WOOLF, Virginia. A marca na parede. *In*: WOOLF, Virginia. **Uma casa assombrada**. Tradução José Antônio Arantes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2015.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1928.